

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DIEGO ALVES CÔRTEZ

AS MARCAS DA HOMOFOBIA NA VIDA DE UM DOCENTE:
NARRATIVAS QUE ECOAM DA SALA DE AULA

Uberlândia-MG
2021

DIEGO ALVES CÔRTEZ

AS MARCAS DA HOMOFOBIA NA VIDA DE UM DOCENTE:
NARRATIVAS QUE ECOAM DA SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em educação.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho

Uberlândia-MG
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C954m Côrtes, Diego Alves, 1988-
2021 As marcas da homofobia na vida de um docente [recurso eletrônico] :
narrativas que ecoam da sala de aula / Diego Alves Côrtes. - 2021.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5588>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Carvalho, Daniela Franco, 1974-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Educação. III. Título.

CDU: 37

Glória Aparecida
Bibliotecária - CRB-6/2047



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 20/2021/771, PPGED				
Data:	Vinte e cinco de agosto de dois mil e vinte e um	Hora de início:	[09:03]	Hora de encerramento:	[11:48]
Matrícula do Discente:	11912EDU010				
Nome do Discente:	DIEGO ALVES CÔRTEZ				
Título do Trabalho:	"AS MARCAS DA HOMOFOBIA NA VIDA DE UM DOCENTE: NARRATIVAS QUE ECOAM DA SALA DE AULA"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciência e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"CIÊNCIA NA ESCOLA E NO MUSEU: as obras de arte contemporânea como base para a argumentação e construção de conhecimentos"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Marco Antonio Leandro Barzano - UEFS; Sandro Prado Santos - UFU e Daniela Franco Carvalho - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Daniela Franco Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/08/2021, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Prado Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/08/2021, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCO ANTONIO LEANDRO BARZANO, Usuário Externo**, em 02/09/2021, às 17:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2984918** e o código CRC **8D427370**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a Nossa Senhora da Lapa, por estarem sempre comigo me fortalecendo e me dando forças e sabedoria para que eu concluísse mais essa etapa da minha vida.

À Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas aulas e pelo aprendizado e à CAPES por ter me disponibilizado a bolsa de estudos para sua realização do mestrado.

À professora orientadora doutora Daniela Franco pelo apoio incondicional durante todo esse trajeto. Agradeço por me fazer enxergar esse novo tipo de pesquisa e conhecimento voltado para as experiências de vida. Agradeço por ter me proporcionado grandes experiências e descobertas sobre a minha homossexualidade; com toda a certeza tudo isso me fez amadurecer. Apenas uma palavra é capaz de expressar o que sinto: Gratidão.

Aos meus pais pelo dom da vida, pela convivência em família e ensinamentos de valores, que levarei por toda a minha vida.

Aos meus colegas de mestrado, principalmente Rita e Alciene pela amizade e apoio.

Ao Bruno por ter passado todo o mestrado ao meu lado e ter me dado o apoio e carinho que eu precisava.

A todos que estiveram ao meu lado me dando apoio e carinho durante todo o percurso do mestrado.

Aos membros da banca que se dispuseram a avaliar a pesquisa desde o exame de qualificação até este momento final. Agradeço a todos os direcionamentos e conselhos que contribuíram para o aprimoramento e direcionamento deste trabalho.

Dedico este trabalho a minha mãe que com toda certeza é a única mulher da minha vida, que me gerou e me educou com amor e carinho....

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender e problematizar o peso da heteronormatividade na minha vida docente e pessoal. O estudo narra a trajetória da minha vida abordando os principais processos formativos que me levaram a ser o professor *gay* de matemática que me tornei. O texto traz narrativas sobre os principais momentos da minha vida (infância, adolescência, faculdade, trabalho, estudo na Universidade de Brasília, vida nos Estados Unidos e retorno ao Brasil), além de trazer relatos e ponderações sobre a homossexualidade com os temas família, docência e religião. Na dissertação eu também trago narrações importantes sobre o momento em que eu dei um basta na heteronormatividade e aprendi a viver o meu lado *Queer*. A pesquisa aborda duas temáticas: homossexualidade e a docência. Teoricamente, o estudo “fez aliança com autores” que abordam os conceitos da questão de gênero e homossexualidade trazendo definições importantes sobre os temas abordados. A metodologia utilizada foi a pesquisa narrativa. A pesquisa narrativa trata basicamente de contar histórias de vida, sendo um processo de contar as experiências vividas. Nela se revive e recontam-se histórias fazendo reflexões sobre os fatos ocorridos e analisando a própria construção dos momentos vividos. Me propus a narrar todos os embates criados pela minha homossexualidade, a presença da heteronormatividade na minha vida desde criança e todos os desafios e preconceitos enfrentados devido à minha orientação sexual. Também procurei registrar como ocorreu o meu processo de autoaceitação enquanto *gay*, além de contar as batalhas que tive que travar contra a homofobia tanto no ambiente familiar quanto no trabalho. Ao exercer minha função como docente eu não conseguia desassociar as marcas da minha sexualidade e do meu gênero, mesmo que eu tentasse escondê-las. E quando essas marcas transbordavam eu sofria por diversas vezes homofobia, mas todos os ataques homofóbicos que sofri ao longo da minha vida me fizeram mais forte e capaz de entender melhor a minha sexualidade. Hoje sou capaz de lidar com a homofobia com tranquilidade, pois sei dos meus direitos enquanto cidadão homossexual que sou. Todo o processo de libertação que passei foi longo e doloroso, mas depois que consegui me aceitar me tornei uma pessoa muito mais feliz e realizada.

Palavras-chave: homossexualidade, família, religião, docência, homofobia.

ABSTRACT

This research aimed to learn and discuss about heteronormativity in my teaching and personal life. The study is about the trajectory of my life addressing the main formative processes that led me to be the gay math teacher I became. The text brings narratives about the main moments of my life (childhood, adolescence, college, work, study at the University of Brasília, life in the United States and coming back to Brazil) in addition to bringing reports and reflections on homosexuality with the themes family, teaching and religion. I also bring important narrations about the moment when I put a stop to heteronormativity and learned to live my Queer side. The research addresses two themes: homosexuality and teaching. Theoretically, the study "made an alliance with authors" who address the concepts of the issue of gender and homosexuality, bringing important definitions to the topics covered. The methodology used was narrative research which is basically about telling life stories, being a process of telling the lived experiences. This way, stories are relived and recounted, reflecting on the facts that occurred and analyzing the construction of the lived moments. I proposed to narrate all the conflicts created by my homosexuality, the presence of heteronormativity in my life since I was a child and all the challenges and prejudices faced due to my sexual orientation. I also tried to register how my self-acceptance process as a gay took place, in addition to telling the battles I had to fight against homophobia both in the family and at work. When exercising my role as a teacher, I could not disassociate the marks of my sexuality and my gender, even if I tried to hide them. And when these marks overflowed, I suffered homophobia several times, but all the homophobic attacks I suffered throughout my life made me stronger and able to better understand my sexuality. Today I can deal with homophobia with peace of mind, as I know my rights as a homosexual citizen that I am. The whole process of liberation I went through was long and painful, but once I was able to accept myself, I became a much happier and more fulfilled person.

Keywords: homosexuality, family, religion, teaching, homophobia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Álbum de Fotos	19
FIGURA 02	Álbum de Formatura	21
FIGURA 03	Poster do Filme Orações para Bobby	23
FIGURA 04	<i>Print</i> do comentário homofóbico do aluno	75
FIGURA 05	Unhas Pintadas	87

SUMÁRIO

1	O PERCURSO: TRAJETÓRIA, PROBLEMA E OBJETIVOS	10
2	PERCURSSO METODOLÓGICO.....	15
2.1	Folheando álbuns.....	19
3.	NARRATIVAS DO DOCENTE QUE SOU	27
3.1	Infância.....	27
3.2	Adolescência / Faculdade.....	35
3.3	A experiência da docência	42
3.4	Estudo na UNB	47
3.5	A vida nos Estados Unidos	48
3.6	Retorno ao Brasil	49
3.7	Família x Homossexualidade.....	50
3.8	Religião x Homossexualidade	58
3.9	Docência x Homossexualidade.....	65
3.10	O momento do basta	73
4	O MEU MOMENTO <i>QUEER</i>	Erro! Indicador não definido.
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
	REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.

1 O PERCURSO: TRAJETÓRIA, PROBLEMA E OBJETIVOS

O dia 13 de agosto de 2018 com certeza foi um dos dias mais felizes da minha vida. O resultado do processo seletivo de mestrado acadêmico 2018 – turma 2019 havia saído e felizmente fiquei classificado em segundo lugar.

Quando o resultado saiu e tive a certeza de que tinha conseguido passar no processo não consegui conter a minha alegria, foi um momento indescritível em minha vida. Nesse momento eu percebi que um dos meus maiores projetos de vida iria começar. Quando realizei a matrícula fiquei sabendo o nome da minha orientadora e assim que cheguei em casa fui pesquisar seu Lattes. Fiquei muito feliz quando vi que ela era bióloga de formação. Quando conheci a Daniela Franco pessoalmente foi muito bom, pois em nosso encontro ela demonstrou ser uma pessoa iluminada e muito gentil.

Quando se decide investigar algo, essa escolha é relacionada com uma história de produção que nos interessa e a motivação que nos leva a abordar determinado tema. Levando em consideração o contexto, as inquietações e problematizações, levanto alguns aspectos da trajetória desta investigação.

Em um primeiro momento meu interesse inicial era trabalhar o conhecimento de alunos de escolas particulares e públicas do ensino fundamental II sobre o bioma Cerrado. Esse tema surgiu inicialmente por eu ser formado em engenharia ambiental, por gostar de trabalhar com alunos do ensino fundamental II e principalmente por estarmos inseridos em um bioma tão rico, mas tão desmatado que é o Cerrado Brasileiro.

Posteriormente pensei em trabalhar com as principais dificuldades enfrentadas pelos professores de matemática em salas de aula do ensino fundamental II. Esse assunto surgiu por ser professor de matemática e por saber o quanto é difícil trabalhar a área de exatas com os alunos do ensino fundamental II. Com isso pensei em realizar uma pesquisa com outros docentes da área e discutir os principais percalços e possíveis soluções para otimizar o aprendizado da matemática.

A professora Daniela sempre me dizia que o meu tema deveria ser algo que me desse prazer em trabalhar e que deveria vir de “dentro do meu coração” e que os temas propostos anteriormente ainda não eram aquilo que eu estava realmente buscando. Realmente ela estava certa e depois de muito pensar sobre o assunto cheguei a uma temática que tinha muito a ver comigo: professores homossexuais.

A ideia inicial era mostrar um pouco da realidade de professores homossexuais em instituições de ensino, como eles se portam, se eles sofrem algum tipo de preconceito e como a sociedade escolar de forma geral trata o professor homossexual. A Daniela ficou muito contente com esse tema, pois viu que a temática era algo que mexia comigo, pois fazia parte da minha vida profissional e pessoal. Dessa maneira, ela sugeriu que eu fizesse parte do meu projeto de pesquisa e que eu me tornasse um dos sujeitos de estudo. Mas depois de algum tempo e de várias conversas decidimos que não iríamos trabalhar com outros professores e que iríamos focar apenas na minha trajetória de vida. Eu iria narrar todo o meu processo formativo e os principais episódios vividos por mim que me possibilitaram enxergar o mundo de outra forma, além da minha relação com meus alunos e comigo mesmo na docência. Dessa forma, o tema da pesquisa trata das minhas experiências enquanto professor homossexual de matemática.

A partir daquele momento surgiu uma pergunta que me redirecionou ao meu percurso investigativo: Qual era peso da heteronormatividade na minha vida docente e pessoal? A homossexualidade sempre fez parte do meu ser, mas ainda sinto o seu peso e as amarras da homofobia e da heteronormatividade. Dessa forma, se fazia necessário que eu buscasse entender de uma forma mais leve e descomplicada a minha sexualidade, além de quebrar paradigmas e me libertar de certos preconceitos sobre o meu respeito para que eu exercesse a profissão de docente e vivesse a minha vida de uma maneira mais feliz.

A pesquisa trata basicamente de repensar sobre a minha identidade sexual e sua articulação com a identidade profissional e (re)encontrar as “marcas”¹ da minha vida enquanto professor *gay* que possibilitaram que eu rompesse questões homofóbicas dentro e fora da sala de aula.

Este trabalho teve como objetivo geral narrar a trajetória da minha vida levando em consideração o meu processo formativo enquanto cidadão e docente que me levaram a ser o professor *gay* de matemática que me tornei.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram:

- Narrar a minha trajetória (infância, adolescência, docência), discutindo as marcas, os significados, as disputas, as resistências e as contribuições produzidas na constituição do meu trabalho na docência;
- Discutir a homofobia e as estratégias empregadas para a inserção, reconhecimento e visibilidade no contexto escolar;

¹ Fui provocado a pensar as marcas da minha vida a partir do texto da Suely Rolnik, disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf> Acesso em: 12.05.2019

- Debater as dificuldades enfrentadas por mim no contexto escolar, familiar, religioso e docente.

O tema abordado está ligado com a linha de pesquisa “Educação em Ciências e Matemática”, pois trata das narrativas de um professor homossexual que leciona matemática. Com isso o tema aborda a questão da docência e da homossexualidade que se vincula diretamente com a linha de pesquisa. Foi feito um levantamento bibliográfico ²e há pesquisas, livros e artigos científicos que tratam sobre a questão da homossexualidade e da docência, fornecendo, dessa forma, uma base sólida para a escrita deste projeto.

A pesquisa se justifica por trabalhar dois assuntos importantes para a comunidade, a saber, o professor e a homossexualidade. O professor é uma “peça chave” dentro da sociedade, pois ele desempenha uma função essencial no corpo social. O papel do professor é o de ser um mediador das discussões que são geradas dentro do ambiente educacional. Por meio das discussões entre os alunos há um compartilhamento de conhecimento que possibilita a ocorrência do processo ensino-aprendizagem. O docente é primordial para a formação do ser humano, pois é através da educação que se criam cidadãos para o mundo. Infelizmente ainda há profissionais que atuam no magistério que são discriminados quando fogem do padrão heteronormativo da sociedade.

É dentro dos muros da escola que a “mágica” acontece, mas com o passar dos anos ela se transformou em ambiente “hostil” onde os que se portam de maneira diferente são discriminados. A escola deve ser um local onde os alunos não precisam se esconder por traz de estereótipos, ela deve ser um local onde eles se sintam à vontade para serem o que quiserem. Mas para que isso seja viabilizado é preciso que se criem políticas eficazes que trabalhem a questão de gênero e da sexualidade de forma ativa no ambiente escolar.

² Os livros que se destacaram para a elaboração deste trabalho foram:

- Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade, de João Silvério Trevisan.
- Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista, de Guacira Lopes Louro.
- O envelhecimento e a Homossexualidade Masculina, de Luciana de Almeida Cunha.
- Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade, de Judith Butler.
- O terceiro travesseiro, de Nelson Luiz de Carvalho.
- Homofobia para além das aparências, de Marcelo Martins Rezende.
- Estudos sobre gênero: identidades, discurso e educação – Homenagem a João W. Nery, de Dânie Marcelo de Jesus, Divanize Carbonieri e Cláudia Maria Ceneviva Nigro.
- História da Sexualidade 1: A vontade de saber, de Michel Foucault.
- O viadinho da escola, de Robson Rodrigo Pereira da Fonseca.
- Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade, de Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado.
- Homofobia no ambiente educacional: o silêncio está gritando, de Toni Reis.
- Ética bixa, de Paco Vidarte.
- Flor de açafraão, de Guacira Lopes Louro.

Debater sobre a homossexualidade no Brasil é extremamente importante, pois muitos homossexuais perdem a vida devido à homofobia. De acordo com o *site* Globo.com³ a cada 23 horas uma vida homossexual é perdida. Além de causar mortes, a homofobia cria cicatrizes físicas e psicológicas profundas na sociedade homossexual, por isso é necessário que se repense sobre as relações dentro da sociedade.

No transcorrer da história é clara a ausência da compreensão sobre a legitimidade da homossexualidade como forma de expressão da sexualidade humana. A homofobia não trata apenas de violência aos homossexuais, mas de lutas por igualdade de direitos e por políticas públicas que forneçam segurança e equidade.

Até pouco tempo atrás a homossexualidade era considerada uma doença e até mesmo um desvio de caráter, mas em pleno século XXI ainda nos deparamos com pessoas com pensamentos arcaicos e com atitudes homofóbicas, como Prado afirma:

Em nossa sociedade, a não-heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e punição de diversos comportamentos sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença (2008, p. 12).

Os homossexuais são cidadãos comuns que trabalham nas mais diversas áreas, exercem cargos importantes na sociedade e têm deveres e direitos como todas as pessoas. Mas a discriminação, as agressões e preconceito contra a diversidade sexual se mantêm ativos e crescentes no Brasil e infelizmente nesse âmbito ainda há um número insuficiente de estudos que trabalham essa temática, principalmente como um todo.

Todos os homossexuais estão sujeitos a sofrer algum tipo de preconceito e isso não é diferente para os professores *gays*. Os professores homossexuais trabalham em um ambiente totalmente regido pela heteronormatividade e por serem diferentes podem acabar sofrendo retaliações e inúmeros tipos de preconceitos.

Os profissionais da educação trabalham com crianças e adultos com diferentes concepções de mundo e inúmeros pontos de vista. O professor homossexual ao exercer sua função de docente não se desvincula de sua sexualidade e do gênero atrelado ao seu corpo, mas mesmo que ele não as anuncie e não se assuma como homossexual ele ainda pode vir a sofrer ataques homofóbicos. Algumas pessoas ainda não são capazes de respeitar a orientação

³ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml> Acesso em: 10.04.2020

sexual dos indivíduos. Desta maneira, este trabalho é uma narrativa que busca problematizar a questão da homossexualidade de um professor de matemática, levando em consideração todas as suas marcas pessoais e profissionais como docente.

Este trabalho é uma narrativa sobre a minha história de vida e como toda história existem alguns personagens principais. Dentre os personagens principais desse enredo destaco a minha família principalmente a minha mãe, a instituição Igreja e toda a questão ligada à minha religião e minha profissão de docente. No decorrer do texto eu narro as minhas principais experiências de vida relacionando todos os “personagens” com a minha sexualidade mostrando como foi a minha caminhada até este momento.

2 PERCURSSO METODOLÓGICO

Educação e Estudos em educação são formas de experiência e a narrativa seria o melhor modo de representar e entender a experiência. (CLANDININ e CONNELLY, 2011).

De acordo com Tartuce (2006) a metodologia científica trata basicamente de método e de ciência. A palavra método vem do grego *methodos*; *met'hodos* e literalmente significa “caminho para chegar a um fim”. Já a metodologia é o estudo do método, compreendendo todos os procedimentos constituídos para a realização de uma pesquisa e por fim científica que deriva de ciência, que abrange o conjunto de conhecimentos em relação a determinado domínio do saber.

Para Minayo a definição holística de metodologia seria:

(...) a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas (2007, p. 44).

Uma pesquisa surge quando há uma dúvida e se quer saber a resposta. É quando uma pergunta gera uma inquietação e precisa-se entender ou responder aquela questão. Dessa forma, o ato de pesquisar é procurar a resposta para alguma coisa. Gil define pesquisa como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (2007, p. 17).

Definir a metodologia para a realização da pesquisa é extremamente importante e ponto chave para o sucesso durante o percurso metodológico. Com isso depois de pesquisar a melhor metodologia este trabalho terá como base a pesquisa narrativa. Mas inicialmente deve-se compreender o que é uma narrativa. Existem vários significados para narrativa, mas de forma geral ela pode ser entendida como: uma história, um relato de algo que aconteceu independentemente se é real ou hipotético e como um conjunto de eventos passados ocorridos

em determinado tempo cronológico. De acordo com Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. Já Polkinghome (1986, p.18) define narrativa como “uma estrutura de significado que organiza os acontecimentos e a ação humana numa totalidade, deste modo atribuindo significado às ações e aos acontecimentos individuais de acordo com o seu efeito na totalidade.”

As narrativas surgem como uma forma para dar “voz” aos excluídos, para se fazer ouvir de fato às minorias, e foi sob essa perspectiva que ocorreu o impulso do “contar sobre si e sua formação” na área de educação. Por meio das narrativas foi possível a socialização e a difusão das experiências de professores. Esse movimento começou por volta dos anos de 1980 nos Estados Unidos quando relatórios apresentaram uma situação desfavorável em relação à educação. Com isso houve uma transformação em relação ao foco dessas pesquisas em que passou-se conhecer sobre os saberes dos docentes e sua profissionalização. (VARANI; FERREIRA; PRADO, 2007).

As narrativas foram caracterizadas e divididas em três grandes grupos para facilitar a compreensão de suas possibilidades. Para Vicentini, Souza e Passegui inspirados em Bolívar (2001) os três grupos são:

[...] as narrativas (auto)biográficas sob o aporte teórico metodológico das Histórias de Vida ou da Investigação-formação as entendo, com inspiração em Bolívar, em seu triplice aspecto: como *fenômeno* (a narrativa oral ou escrita per se; ato artesanal de narrar-se intencional e reflexivamente que ocorre no encontro narrador/pesquisador; narrador/formador); como *metodologia de investigação* (a narrativa como fonte (auto) biográfica privilegiada, compreendida desde o ato narrativo processualmente entrelaçado com outras fontes, para a construção metodológica da História de Vida, da qual participam narrador e pesquisador) e, ainda, como *processo formativo de ressignificação do vivido* (narrativa como reflexão (auto)biográfica do narrador – de si e de sua *profissionalidade* – como dispositivo de autoconhecimento; de construção identitária como movimento no contexto do vivido, oportunizados pelo processo narrativo, que pode ter o memorial de formação como produtor de sentido e como produção, construído na *interação aprendente* de dois sujeitos históricos – narrador e aquele que com ele faz a mediação (auto)biográfica, o formador (2013, p. 9, grifos do autor).

A narrativa é criada no instante em que se conta e se demonstra a forma que os sujeitos abrangem e vivenciam o mundo. Delory completa que: “a narrativa não é apenas o produto de um “ato de contar”, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra”. (2012, p. 82).

De forma geral a pesquisa narrativa pode ser entendida como uma maneira de compreender a vivência humana. Clandinin e Connelly assim a conceituam:

Pesquisa Narrativa é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisadores e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação como *milieus*. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e do recontar; as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas as perspectivas: individual e social (2011, p.51).

A pesquisa narrativa refere-se a uma investigação e reflexão de histórias vividas e contadas, porque “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18).

Para que ocorra a elaboração e comunicabilidade dos significados e saberes relativos à experiência humana é preciso que haja uma cooperação entre os participantes da pesquisa. Desta forma, a pesquisa narrativa é um procedimento de colaboração, já que as histórias narradas tanto pelos participantes quanto pelos pesquisadores podem ser relatos de empoderamento. Esses relatos podem acarretar nos participantes uma reflexão produzida pelas narrativas fazendo que os mesmos ressignifiquem a própria experiência, como pondera Moraes:

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história mas o cruzamento de umas com as outras (2000, p. 81).

As autoras Clandinin e Connely (2000) explicam que a pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre o pesquisador e o pesquisado. Dessa forma, é preciso entender o significado de experiência. Para Rogers e Kinget a experiência é definida como:

Esta noção se refere a tudo que se passa no organismo em qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência; em outras palavras, tudo

que é suscetível de ser apreendido pela consciência. A noção de experiência engloba, pois, tanto os acontecimentos de que o indivíduo é consciente quanto os fenômenos de que é inconsciente (1975, p. 161).

A pesquisa narrativa trata da vida, ela busca compreender as experiências vividas, centradas em determinada época e espaço e expressas por narrações, trechos de histórias vividas e relatadas, como relatam Clandinin e Connelly (2011). Em suas palavras: O pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo chave de escrever e pensar sobre ela. (...) O método narrativo é o fenômeno e o método das ciências sociais.

Na pesquisa narrativa o objeto de estudo se baseia em histórias narradas e com isso se faz necessário que as pessoas sejam vistas como indivíduos, já que estão continuamente em interação fazendo parte de um contexto social. A junção destes termos resulta em um espaço tridimensional para a investigação narrativa. A função do pesquisador na pesquisa narrativa de forma geral é interpretar textos e narrativas e a partir deles cunhar um novo texto.

O pesquisador tem um papel fundamental na narrativa, pois ele tem o encargo de extrair todos os significados dos constituintes da história. No momento em que se cria um laço com o outro (narrador), este se sente à vontade e consegue refazer suas histórias, buscando nas suas lembranças tudo aquilo que viveu inclusive as que incomodavam, adicionando fatos que queria que tivessem sido diferentes, como novas possibilidades para suas vivências. Dessa forma, as histórias narradas são revividas e reelaboradas durante o método de rememoração.

No momento em que o pesquisador está escrevendo a experiência de alguém, ele é transportado para aquela situação; é como se ele estivesse vivendo aquela mesma experiência. É de suma importância que o pesquisador se interesse pelo que é narrado, pois somente assim pode ocorrer a transformação dos sujeitos, já que “[...] as histórias que lemos e ouvimos nos remetem sempre às nossas próprias histórias e às nossas experiências pessoais” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 53), trazendo reflexões que implicam algum tipo de alteração pessoal.

Ao utilizar a pesquisa narrativa em pesquisas busca-se chegar à real dimensão das experiências que realmente foram importantes, como as marcas do ambiente de trabalho, como Barbisan e Megid comentam:

As narrativas permitem que as pesquisadoras entrem em contato com verdades veladas, com sensações subjetivas, com emoções incompreendidas que aos poucos vão se revelando e contando a história de cada uma, que se une à história de todas... (2017, p. 80).

A pesquisa foi desenvolvida baseada em minha história de vida. O texto foi escrito levando em consideração todas as minhas marcas e momentos importantes considerando meu papel como homossexual e professor. A pesquisa buscou questionar os discursos ligados à homossexualidade masculina na sociedade de forma geral, principalmente dentro da escola. Assim, a pesquisa tem como objeto de estudo as minhas experiências enquanto *gay* e professor.

Narrar minha história não foi fácil, pois tive que reviver vários momentos que tentei esquecer por muitos anos. Relembrar toda a minha infância, adolescência e situações que sofri homofobia enquanto professor foi reviver dores e reabriu feridas muito fortes. Mas ao reviver todas essas lembranças consegui elaborar uma análise sobre minha condição sexual que foi se construindo ao longo do tempo e como irá se formar ao longo dos próximos anos, haja vista que a sexualidade é uma construção constante.

2.1 Folheando álbuns

No primeiro momento busquei no meu álbum de fotografias recordações de momentos importantes que vivi que me fizeram relembrar fatos importantes de minha vida. Não se trata apenas de ver fotografias, mas de fazer uma viagem pelo passado e por momentos que talvez tenham sido perdidos com o tempo. Analisei cuidadosamente cada foto, observei o lugar, as pessoas que estavam ao meu redor e, principalmente, tentei relembrar quais emoções eu vivi naqueles momentos.

Assim que peguei aquele “velho álbum vermelho” percebi alguns estragos gerados pelo efeito do tempo. Naquele instante percebi quão rápido o tempo passa. Assim que abri o álbum colado na contracapa estava o cartão da Clínica e Maternidade Santa Cruz. Na primeira folha do cartão estava o nome da minha mãe e o meu nome além da marca do meu pequeno pé. Na outra folha estavam escritos os nomes dos meus pais e os dados referentes ao meu nascimento. Eu nasci no dia 24 de maio de 1988 às 4:30 h com 9 meses e pesando 3 quilos e 350 gramas. No campo de observações estava escrito: chorou ao nascer.

Figura 01 - Álbum de fotos



Fonte: arquivo do autor.

As primeiras fotos do meu álbum são do meu batizado que ocorreu na Igreja São João localizada na zona rural na região do Morro Agudo município de Paracatu-MG. Pelas fotos noto que a Igreja estava lotada, com certeza havia muitos parentes meus lá.

Depois vejo fotos do meu primeiro aniversário e no bolo havia duas velas. Como meu avô faz aniversário no dia 20 sempre comemorávamos a data juntos, então todos os meus aniversários de criança eram comemorados juntamente com o do meu avô. Nas fotos vejo uma grande mesa com doces e bolos, e a casa dos meus avós sempre com muitas pessoas. Na foto no meu berço eu vejo que ganhei vários presentes; sempre ganhei brinquedos da minha mãe e principalmente da minha madrinha. Mas como eu morava na fazenda o que não faltava eram coisas para brincar. Me lembro que com pequenas mangas verdes minha mãe fazia “vaquinhas” e os pés de manga se tornavam minha casa na árvore. Nas fotos enquanto criança percebo uma criança alegre, mas muito tímida e retraída principalmente quando havia outras crianças.

Observando algumas fotografias noto que enquanto criança minha família me colocava para tirar fotos “dirigindo” tratores, “cavalgando” e posando com grandes chapéus de palha. É notório o quanto essas fotos são carregadas de heteronormatividade, pois não encontro nenhuma foto tirada enquanto eu brincava de “casinha” em cima de um pé de manga. Será que o meu comportamento por preferir brincadeiras ditas como de meninas incomodava a minha família? Mesmo sem perguntar a eles, já sei qual sua reação, eles fingiam não ver.

Por ser uma criança bonita eu fui convidado para ser cavalheiro de honra (pajem) em inúmeros casamentos, tanto de familiares quanto de amigos da família. Pelas fotos consigo recordar que eu amava aqueles momentos, eu gostava de me arrumar, entrar na Igreja e claro ter o meu momento de destaque. Em determinada foto ao lado de duas daminhas de honra eu estou bravo e com a cara bem fechada. Eu não lembro o que houve, mas a daminha que fazia par comigo não quis me dar a mão e pela minha expressão aquilo me deixou muito nervoso.

Analisando essas fotos de casamento me atentei que hoje aos 32 anos já fui a inúmeros casamentos, mas nenhum era de um casal homossexual. É claro que quando a hora certa chegar eu quero me casar, realizar uma bela celebração e receber parentes e amigos íntimos para uma festa. Tenho conhecimento de que um evento como esse seria desaprovado por muitas pessoas de minha família, talvez até minha mãe não aprovaria a ideia inicialmente, mas eu faria pois acredito que esse momento deve ser celebrado e comemorado.

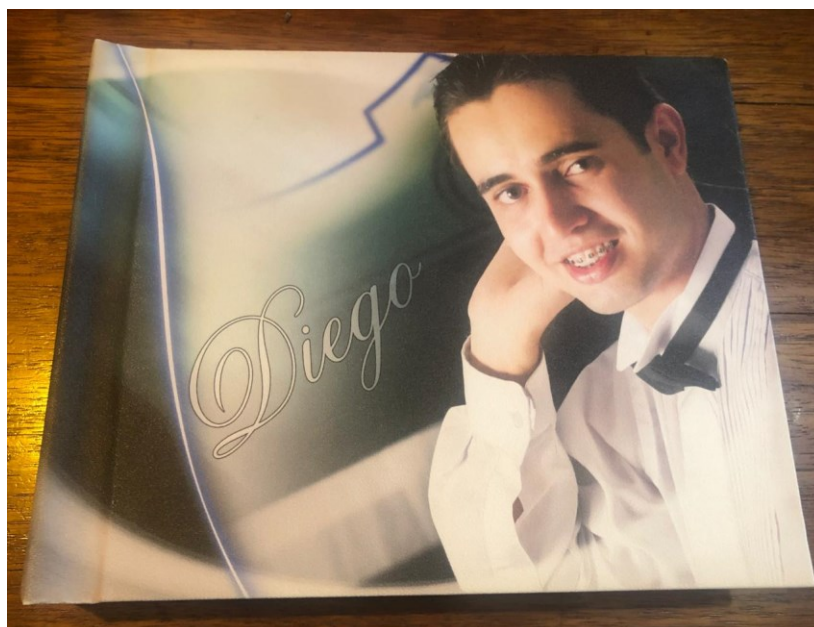
Certamente no casamento ainda impera o peso da heteronormatividade, mas acredito que com o tempo muita coisa mudará. Meu irmão mais novo se casou em fevereiro de 2020 no Santuário Santa Rita de Cássia em Guarda-Mor e houve um fato no casamento que me deixou muito feliz e muitos convidados surpresos. Uma madrinha da noiva é lésbica e ela disse que não entraria na Igreja em um vestido e a minha cunhada não se importou. A madrinha entrou na Igreja de terno e acompanhada de outra madrinha. Tenho certeza de que foi a primeira vez que isso aconteceu naquela pequena cidade. Assim que eu a encontrei na festa eu a parabenei e comentei que fiquei muito feliz e admirado pelo seu ato, pois aquele feito quebrou diversos paradigmas.

Nas últimas fotografias do álbum eu já estou com uma idade entre 15 e 16 anos. As fotos mostram minha Crisma (Confirmação do batismo) e minha Eucaristia na Igreja Católica. De uma forma simples a Crisma seria a celebração em que o católico reafirma a sua fé em Cristo e na Eucaristia; ele recebe pela primeira vez a hóstia consagrada. Analisando e revendo essas fotos eu consigo notar o peso e a influência da Igreja em toda a minha vida. Hoje ainda me considero católico, tenho a minha fé, rezo diariamente, mas raramente frequento a Igreja pois não concordo com muito do que é dito durante as celebrações.

Depois de folhear meu álbum de criança analisei meu álbum de formatura. Minha Colação de Grau ocorreu no dia 17 de dezembro de 2010 na IV Igreja Presbiteriana de Paracatu e meu baile ocorreu um dia depois no Salão Social Jóquei Clube de Paracatu. Na primeira página do álbum do lado esquerdo há uma foto de rosto minha; eu estava com a barba feita, cabelo “arrumadinho” com muito gel e usava aparelho ortodôntico. Hoje, depois de mais de 10 anos posso dizer que muita coisa mudou; não uso mais gel apenas pomada no

cabelo, uso barba, uso brinco na orelha esquerda, não uso mais aparelho nos dentes e claro, possuo algumas marcas de expressão no rosto. Do lado direito da página há uma foto com todos os formandos, havia 16 meninos e 13 meninas, mas nessa foto estão faltando três colegas que também se formaram. No total se formaram 32 alunos no curso de Engenharia Ambiental da Faculdade Finom no ano de 2010. Me lembro que no primeiro semestre do curso havia mais de 70 pessoas na turma, mas ao longo dos anos muitos desistiram e/ou abandonaram o curso.

Figura 02 - Álbum de formatura



Fonte: arquivo do autor.

No final do curso eu já havia assumido a minha sexualidade para os meus colegas de sala, então não tinha que esconder nada. Nas fotos noto um sorriso largo no meu rosto, eu estava muito feliz com minha formatura. As primeiras fotos são da Festa a Fantasia para a festa e eu aluguei uma fantasia de grego. Minha fantasia era composta por uma túnica branca, um lenço em cetim dourado, uma sandália de couro e dois acessórios, uma máscara dourada e uma tiara de folhas. Amei a minha fantasia, e o detalhe que mais gostei foi a máscara pois ela era dourada com uma pedra no centro, e para ficar ainda mais brilhante comprei glitter dourado para passar nela. Acredito que muitos colegas teceram comentários sobre minha fantasia, mas sinceramente eu não me importei, pois estava me sentindo radiante com todo aquele brilho e cor.

As fotos posteriores eram da Festa de 100 dias, me lembro que foi uma festa muito divertida. Passamos a tarde em uma fazenda, comendo, bebendo, brincando e dançando. As

próximas fotos são do Culto Ecumênico e da Colação de Grau, sendo que em ambas as ocasiões toda a minha família e amigos próximos estavam presentes. Na Colação eu estava radiante por ter finalizado uma etapa tão importante de minha vida. Me lembro de dois detalhes muito marcantes para mim: minha mãe emocionada durante a cerimônia e no momento que recebi o canudo olhei para ela e disse: é para a senhora. Nas fotos é possível ver a felicidade estampada no rosto dos meus pais. Por serem pessoas muito simples formar um filho era uma alegria muito grande. E para finalizar o álbum as últimas fotos eram do Baile de Gala. Me recordo que nunca tinha me sentido tão bonito e tão bem-vestido como naquele dia. Todos os homens combinaram de usar *smoking* no baile, eu nunca havia usado e estava me sentindo muito “*chic*” naquele traje. Como eu tinha o cargo de tesoureiro na Comissão de Formatura e fiz a maioria dos contratos acabei ganhando como cortesia o dobro de convites para a festa. Se não estou enganado ganhei 16 convites então pude levar muitas pessoas da minha família e amigos próximos. Minha mãe estava deslumbrante, com um vestido longo na cor verde, simplesmente maravilhosa. Realmente foi uma festa maravilhosa, me diverti muito, dancei e tentei aproveitar cada minuto, sinceramente não tive nem tempo de comer. Em todos os eventos da formatura meu ex-namorado esteve presente.

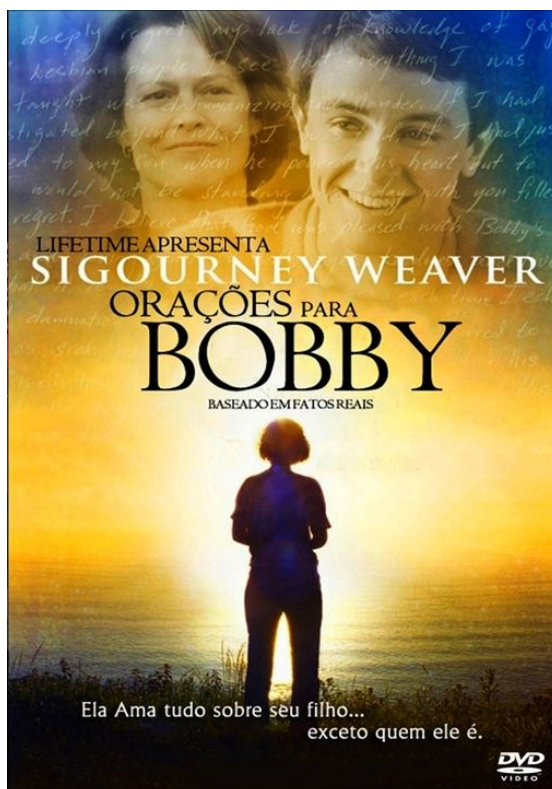
Os momentos da formatura foram de muita festa e de muita alegria, mas os longos cinco anos de curso não foram somente “flores”. Durante o curso eu ouvi muitos comentários preconceituosos. Muitos que se diziam meus amigos faziam brincadeiras de mal gosto em relação à minha homossexualidade. Me recordo que no começo apenas uma pessoa sabia de minha orientação sexual. Minha amiga Liu me contava que muitos colegas de turma lhe perguntavam se eu era ou não *gay*. Eu não entendia o porquê de tamanha curiosidade, afinal aquilo só dizia respeito a mim. Demorou muito, mas no último ano de faculdade eu assumi minha homossexualidade para todos, inclusive para professores.

Em um segundo momento revi um filme com a temática LGBTQIA+ ⁴que se chama Orações para Bobby (*Prayers for Bobby*). Esse filme com toda a certeza foi um dos que mais marcaram minha vida. Filme americano foi lançado em 2009 e seus atores principais são: Sigourney Weaver, Ryan Kelley e Henry Czerny. O drama foi dirigido por Russell Mulcahy e tem duração de 1h 30min. Orações para Bobby foi baseado no livro *Prayers for Bobby: A Mother's Coming to Terms with the Suicide of Her Gay Son*, de Leroy F. Aarons.

⁴ LGBTQIA+ (L - lésbica, G - *gay*, B - bissexual, T - transgêneros (travestis ou transexuais), Q - queer, I - intersexual, A - Assexual. O sinal + engloba todas as outras letras da sigla LGBTT2QQAAP).

O filme baseado em fatos relata a história de vida de Bobby Griffith, um garoto homossexual que comete suicídio em 1983 devido à homofobia e ao fanatismo religioso de sua mãe. No drama *Mary Griffith* (Sigourney Weaver) é uma mãe cristã que cria seus três filhos baseada nos ensinamentos da Igreja Presbiteriana. Bobby (Ryan Kelley), um dos seus filhos, comenta com o seu irmão mais velho que talvez seja *gay*. Nesse exato momento a vida da família muda completamente, pois Mary descobre e não aceita de forma alguma que o filho seja homossexual. Todos da família entendem a sexualidade de Bobby, mas sua mãe acredita que Deus pode curá-lo. O filho querendo agradar a mãe faz tudo que ela pede, mas percebe que não consegue lutar contra sua sexualidade e acaba entrando em depressão e logo depois decide se mudar de cidade.

Figura 03 – Poster do Filme Orações para Bobby



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-147140/fotos/detalhe/?cmediafile=2156613>

Bobby vai morar com sua prima em Portland (Oregon) onde vive sua sexualidade de forma livre e sem preconceitos. Entretanto ele continua esperando a aprovação da mãe, fato que não acontece, deixando-o extremamente triste. Certo dia ele descobre que seu namorado o está traindo e nesse momento toda a depressão e aversão que sente pela própria mãe se

intensifica, fazendo que ele salte de um viaduto sobre uma rodovia movimentada e morra no mesmo instante aos 20 anos de idade.

Ao receber a notícia a família fica totalmente arrasada e desnorreada. Mary recebe os diários que o filho escreveu e nesse momento percebe que o filho era apenas um garoto com problemas e cheio de dúvidas que só queria o amor de Deus e de sua mãe. Nesse instante ela começa a questionar a si mesma e as interpretações que a Igreja faz das escrituras da Bíblia. Em certo momento ela conhece a comunidade *gay* local e o reverendo da Igreja da Comunidade Metropolitana que a convence a participar de reuniões do grupo Pais, Familiares e Amigos de Lésbicas e *Gays* (PFLAG). Depois de algum tempo ela começa a entender que o filho não precisava ser curado, pois ele não estava doente e passa a lutar pelas causas LGBTQIA+.

Esse filme certamente contribuiu para a construção de meu texto, pois além de ser baseado em uma história real ele traz uma mensagem muito especial. A questão da homofobia é bem marcante no filme, fazendo que o debate e a troca de experiências e relatos de vida sobre esse assunto aconteçam de forma mais fácil.

Ao rever o filme eu me identifiquei ainda mais com o personagem, pois eu passei por várias situações que o personagem viveu durante o filme. A questão de ficar confuso sobre a sexualidade, o medo, a questão da religião e a falta de apoio da família no início do processo são situações que eu também vivi.

Uma das cenas que me chamou a atenção novamente foi quando o Bobby é levado para casa dos pais do rapaz que ele está namorando para um almoço em família. Bobby ficou muito assustado com a naturalidade que os pais do rapaz tinham em relação à aquela situação. Me recordo a primeira vez que apresentei meu namorado para minha mãe, ela ficou um pouco sem graça e acanhada. Mas depois de algum tempo minha mãe já recebia meu namorado na fazenda e o tratava como qualquer outro membro da família.

A mãe de Bobby Mary Griffith com sua religiosidade extrema não consegue entender o filho e acaba perdendo-o de uma maneira trágica. Minha mãe no começo foi contra, ficou muito triste quando eu a contei, mas diferente da mãe do Bobby minha mãe com o tempo percebeu que eu era o filho de sempre dela, a única coisa que havia mudado é que ela agora sabia da minha homossexualidade.

O filme com toda a certeza mexe muito comigo, pois consigo me ver nele em vários momentos. A parte do filme que mais me toca é quando a mãe do Bobby decidi ir para a primeira Parada *Gay* da cidade de São Francisco. Durante a Parada ela vê um garoto no meio da multidão e o abraça vendo a imagem de seu filho morto. Essa cena sempre me faz chorar,

pois me pergunto como essa mãe teve que perder o filho para descobrir que ela o amava e que na verdade a sua homossexualidade não era relevante frente ao seu amor por ele.

A ideia principal do filme e do álbum de fotografias foi me preparar para escrever sobre a minha trajetória. A pesquisa busca resgatar as minhas “marcas” e o que elas geraram na minha vida enquanto *gay* e docente. De acordo com Rolnik marcas são:

exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir (1993, p. 242).

Por meio das narrativas foi possível conhecer os modos pelos quais estou me constituindo enquanto docente homossexual além de conhecer as verdades que foram produzidas durante a minha inserção, reconhecimento e visibilidade no meio escolar, enquanto professor *gay* de matemática. Narrei as marcas que foram realmente significativas na minha constituição enquanto docente além de ponderar o peso da heteronormatividade na minha vida e como estou me libertando das “correntes” do medo e da homofobia.

3. NARRATIVAS DO DOCENTE QUE SOU

Ser diferente é uma luta diária para defender-se
dos diversos discursos que desenham nosso
comportamento como uma aberração.
A ignorância é a causa maior do preconceito
contra os homossexuais.⁵

3.1 Infância

Posso dizer que passei toda a minha infância na fazenda do meu avô; ela era muito grande e com isso meu pai o ajudava na propriedade. Só me mudei para a cidade (Paracatu-MG) quando precisei entrar na pré-escola. Então meu pai comprou uma casa para que minha mãe se mudasse comigo e com meus outros dois irmãos mais novos. Passávamos a semana na cidade, e nos finais de semana íamos para a fazenda ficar com o meu pai. Logicamente também passávamos todas férias escolares na fazenda. Eu gostava muito daquele lugar, lá eu me sentia livre para correr, andar a cavalo e brincar.

Era muito comum nas férias a fazenda do meu avô receber visitas e meus primos sempre iam aproveitar o que a fazenda oferecia: cavalos arriados para cavalgar, córregos para banhar e pescar, morros para subir, lugares para explorar e, claro, comer a melhor comida caseira feita por minha avó.

Nós brincávamos de tudo, não existiam brincadeiras de menino ou de menina, existiam apenas brincadeiras. Algumas vezes chegávamos a brincar de “casinha” e como a maioria era de meninos, sempre alguém assumia a personagem de mulher na brincadeira, numa condição similar à destacada por Finco, na qual a autora afirma que:

Meninos e meninas se revezam nos papéis, sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos ou femininos; [...] as crianças brincam espontaneamente com os brinquedos que escolhem sem constrangimentos. Meninos participavam de brincadeiras como cuidar da casa, cozinhar, passar roupa, cuidar dos filhos, que são vistas como funções das mulheres; assim as crianças trocavam e experimentavam os papéis considerados masculinos ou femininos durante os momentos de brincadeira (2003, p. 94).

As brincadeiras eram totalmente “inocentes” em nosso universo infantil, o importante naquele momento era a diversão como é apontado por Finco:

⁵ O viadinho da escola, p. 25.

As crianças ainda não possuem práticas sexistas em suas brincadeiras e, portanto, não reproduzem o sexismo presente no mundo adulto. [...] ao observar as relações entre as crianças, foi possível levantar a hipótese de que os estereótipos dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos, mas ainda não conseguiram contaminar totalmente a cultura da criança (2003, p. 95).

Me recordo que sempre que alguma mãe observava que seu filho assumia o personagem de mulher na brincadeira, o mesmo era repreendido e a brincadeira acabava naquele exato momento. Os adultos pareciam que não viam aquele tipo de brincadeira como algo saudável e permitido, como Sarat e Campos afirmam:

Assim, meninos e meninas são tratados prioritariamente, por uma referência biológica, na qual seus aparelhos genitais definem sua orientação sexual caracterizada por uma cultura binária e dividida que enfatiza para os meninos brincadeiras como carrinhos, máquinas, jogos, atividades que remetem à vida pública e fora do âmbito doméstico. As meninas ficam sujeitas às atividades com boneca, miniaturas de móveis, fogão, panelas, casinhas, que remetem à vida privada e ao espaço doméstico, contrariando frontalmente uma organização social na qual a mulher, cada vez mais, ocupa espaços públicos (2008, p.4).

Hoje, analisando aquele comportamento percebo que o preconceito não compete às crianças, pois elas possuem uma “pureza” e uma “inocência” que os adultos perderam com o passar dos anos. Os adultos perderam essa pureza, pois a sociedade dita o que é certo e errado, estabelecendo padrões de comportamento. Dessa forma, os adultos se tornam preconceituosos em relação àquilo que já está definido com estereótipo, nesse caso o gênero.

Com o passar dos anos as pessoas se tornaram mais ocupadas e com isso deixaram de ir regularmente para a fazenda. Dessa forma, as brincadeiras deixaram de existir. Acredito que elas duraram até os meus oito anos de idade. Depois de algum tempo nos mudamos para a fazenda do meu pai no município de Guarda-Mor.

Até o quinto ano do ensino fundamental, não me sentia atraído nem por meninos e nem por meninas. Posso dizer que era um menino totalmente focado nos estudos e com uma mãe muito rígida quando o assunto era escola. Mas ao passo que eu crescia eu percebia que de certa forma era eu diferente dos outros meninos.

Se me perguntassem o exato momento em que eu percebi que sentia atração física por meninos eu não saberia dizer. Sinceramente não tenho a mínima ideia de quando isso começou. Com certeza foi quando eu ainda era uma criança, mas o momento certo não sei dizer. Acredito que a homossexualidade sempre fez parte de mim, mas em certo momento

realmente percebi o que era e a partir daí tudo mudou. A homossexualidade é uma característica humana como Naphy reitera:

Em toda a história e em todo o mundo a homossexualidade tem sido um componente da vida humana. [...] Não há dúvida de que a homossexualidade é e sempre foi menos comum do que a heterossexualidade. No entanto, a homossexualidade é claramente uma característica muito real da espécie humana (2006, p. 56).

Na escola sempre fui um menino quieto, introvertido e com poucos amigos; nas aulas de educação física sempre procurava um jogo de tabuleiro ou alguém para conversar. Os meninos jogavam o disputado futebol e as meninas jogavam vôlei na quadra improvisada. De certa maneira não me encaixava em nenhum daqueles esportes, mas por ser um menino era esperado que eu jogasse futebol da mesma forma que Brannom citado por Sabbg sustenta:

São definidos como estereótipos, que a princípio já estão colocados socialmente antes do nascimento de cada indivíduo, com função de diferenciar as atitudes sociais de homens e mulheres. Os estereótipos consistem em crenças sobre características bio-fisiológicas e plásticas de homens e mulheres, como sendo atividades apropriadas para cada sexo (2008, p.19).

Quando me lembro daquele tempo não me recordo de ter sido chamado para entrar em uma partida, talvez os outros meninos já percebam algo que eu nem sabia. Talvez nessa época eu já sofria algum tipo de preconceito, mas nem percebia. O fato é que eu nunca me vi jogando futebol. Além disso, a ideia de transpirar e voltar para a sala de aula suado e cheirando mal depois de passar cinquenta minutos correndo atrás de uma bola não me agradava. Nosso corpo é o suporte no qual são lançadas as distinções típicas de gênero como aponta Facioli:

Desde os primeiros anos de vida, as meninas são bombardeadas com informações sobre o que é esperado de uma pessoa que nasce com vagina, ou seja, que se constitua enquanto mulher e que, de preferência, evidencie um comportamento considerado feminino: que seja delicada, que brinque com bonecas, que cruze as pernas ao sentar, que fale baixo, que saiba desenvolver habilidades domésticas e que namore meninos. Este roteiro é elaborado em oposição ao que se espera dos rapazes: que sejam mais rudes, que brinquem com carrinhos e bola, que sentem de pernas abertas, que falem sem o compromisso com a voz baixa, que atuem nos espaços públicos e que se interessem sexual e afetivamente por uma mulher (2015, p. 45).

Gostar de futebol não é algo obrigatório para os homens, mas por morar em uma cidade pequena o gosto pelo esporte faria com que eu fosse visto como “macho”, bem como Franzine expõe, “A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença “futebol é coisa para macho” (ou, em uma versão pouco menos rude, “coisa para homem”), bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito”. (2005, p. 316).

Ao entrar no ginásio (quinto ano) as coisas começaram a ficar diferentes. Os meninos e meninas já falavam em namorar e marcar encontros na pracinha da cidade para “ficar”. Eu sabia que era diferente e que sentia atração por meninos, mas cheguei a me apaixonar por algumas colegas de sala. Minha primeira paixão surgiu por minha melhor amiga e colega de sala. Me lembro que escrevia cartas de amor gigantescas, as colocava dentro de um envelope bonito com flores dentro, coisas que dificilmente um garoto pensaria em fazer atualmente. Hoje, ao me lembrar desse comportamento creio que muitos heterossexuais diriam: “isso não é coisa de homem”.

A heteronormatividade dita os comportamentos como Louro, argumenta:

Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou deveriam ser) heterossexuais [...]. Os outros, que fogem à norma, poderão, na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados, [...]; quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos (2009, p. 90).

Nosso namoro era algo platônico, conversávamos basicamente por cartas e nos beijamos apenas uma vez, beijo que foi apenas um selinho e que durou segundos. Era algo que me fazia bem, mas relembro os momentos percebo que para ela faltava algo a mais.

Estudei na pequena cidade de Guarda-Mor até o primeiro ano do ensino médio, pois queria estudar em uma escola melhor. Então me mudei novamente para Paracatu. Fui morar com minha prima, mas como ela era mais velha e eu tinha um carinho muito grande por ela sempre a tratei por tia. Na época ela morava com seu namorado e com seus três filhos (duas meninas e um menino).

Meu pai me matriculou no Colégio Dom Elizeu, um colégio particular que pertence à Congregação das Irmãs Carmelitas do Brasil. O ritmo de estudo do colégio era totalmente diferente do que eu estava acostumado na escola pública, mas não tive problemas, pois sempre me dediquei aos estudos. Como eu era um menino tímido e com poucos amigos

sempre passava o recreio folheando revistas e conversando com o pessoal que frequentava assiduamente a biblioteca.

Naquele Colégio a disciplina Educação Física era avaliada como qualquer outra disciplina. O aluno só era dispensado das aulas se apresentasse atestado médico. Caso o aluno não participasse das aulas práticas deveria entregar relatórios sobre a atividade que estava sendo realizada naquela semana. Como eu não me interessava pelos esportes, sempre fazia relatórios manuscritos. Para os alunos que frequentavam as aulas, havia uma separação entre meninos e meninas. Havia um professor para os meninos e uma professora para as meninas e cada grupo fazia as atividades em quadras separadas. Não havia uma interação entre meninos e meninas durante as aulas de educação física e não entendo o motivo da segregação até hoje. De certa forma a escola, por ser católica, não permitia o contato físico e o convívio durante essas aulas entre meninos e meninas, promovendo distinções e separações. De maneira semelhante ao que Louro explica:

Diferença, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles aos quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos (1999, p. 57).

Durante as aulas de educação física às vezes eu me sentava na arquibancada para assistir meus colegas jogarem futebol. Logicamente eu não me interessava pelo jogo, mas sim para ver meus colegas usando aqueles *shorts* curtos. Alguns colegas me atraíam muito e quando via aqueles corpos esculturais sentia sensações que não conseguia explicar, sensação semelhante à de Marcus escrita por Carvalho:

Sentado no chão, com os joelhos dobrados, de *short*, meias e tênis, com pelos cobrindo desde os tornozelos até as coxas, Renato me fazia sentir algo muito estranho. Uma sensação que não sabia explicar, muito boa, mas ao mesmo tempo muito assustadora. Eu não posso ser isso que eu estou

pensado; nem em pensamento consigo dizer essa palavra. Aliás, acho que tudo isso é normal (2007, p. 14).

No colégio havia aulas de espanhol e de inglês, mas o conteúdo era cobrado de uma forma bem mais ampla do que na escola pública em que estudei e por esse motivo comecei a estudar inglês e espanhol em uma escola de idiomas. Minha vida se resumia basicamente aos estudos, pois raramente saía para me divertir.

Ao entrar na escola de idiomas conheci uma menina, nos tornamos amigos e depois começamos a namorar. Ela trabalhava como monitora na escola, e por esse motivo nos tratávamos como amigos na escola por se tratar do ambiente de trabalho dela. Não me lembro exatamente de sua idade, mas me lembro que ela era mais velha que eu em torno de três anos.

Nosso relacionamento era algo bem complicado, pois seu pai não aprovava nosso namoro. Depois de algum tempo de namoro ela me contou sua história e me explicou sua relação com seu pai. Ela foi estuprada por ele e de uma forma doentia ele não a via como filha e sim como mulher, por isso ele era contra nosso relacionamento. Sem ter condições de sair de casa ela se via obrigada a conviver com aquele homem, que não considerava como pai.

Apesar de estar namorando com uma menina nessa época, eu percebia que era tratado de uma forma diferente pelos meus colegas. Eu não me sentia acolhido e percebia que eu não fazia parte do grupo.

Foi no meu último ano do ensino médio que passei por uma das situações mais constrangedoras da minha vida. Eu estava voltando para a casa de minha tia depois do curso de inglês, algo em torno das 20:00 h. Ao caminhar, notei que havia um grupo de meninos sentados na calçada, debaixo de uma árvore e como era noite eu não consegui identificá-los. Ao passar por eles escutei: Viado!

Os homossexuais são desmoralizados por diversos xingamentos que ferem o corpo e a alma. De forma semelhante ao que Louro afirma:

Basta lembrar o quanto é comum atribuir a um homem homossexual a qualificação de “mulherzinha” ou supor que uma mulher lésbica seja uma mulher-macho. A transgressão da norma heterossexual não afeta apenas a identidade sexual do sujeito, mas é muitas vezes representada como uma “perda” do seu gênero “original” (2009, p. 91).

Ao escutar o xingamento olhei para trás tentando ver quem era, mas no mesmo instante eles gritaram: não olha pra traz viado! Fiquei com medo e muito assustado e naquele momento pensei que poderia ser agredido. Até hoje não entendo o motivo daqueles meninos terem me tratado daquela forma. Foi uma experiência única que me causou muito medo,

fazendo com que eu por muitos anos sentisse medo ao andar na rua sozinho à noite. Sobre esse acontecimento Mottt esclarece que:

A este ódio mórbido contra a homossexualidade a Psicologia chama de *homofobia internalizada*, provocando nestes doentes, sintomas diversos, incluindo neurose de frustração sexual, suicídio e atos de violência, como agressões e assassinato sádico de homossexuais (2003, p. 23).

Aquelas vozes ecoaram por todo o meu ser me trazendo uma tristeza imensa e uma dor muito forte que perfurou toda a minha alma. Eu nunca havia visto tamanha hostilidade e crueldade em um ser humano. A homofobia não abraça apenas atos ou palavras, ela é um conjunto de comportamentos que exclui, segrega e mata milhares de homossexuais. Nesse sentido Junqueira afirma que:

A homofobia, nesse sentido, transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (2009, p. 375).

Apesar de não ver os rostos escondidos pela noite eu reconheci uma voz entre as outras. A voz era de um colega de turma. O que me chamou a atenção tempos depois, foi que esse menino me parabenizou pelo meu aniversário durante o recreio. No momento me perguntei como ele tinha sido capaz de ter feito aquilo comigo e agora me parabenizar pelo meu aniversário. Mesmo assim aceitei as felicitações e agradei, pois o preconceito é vencido com gentilezas. Mas me pergunto se ele tinha noção da humilhação que me fez passar, além de ter afetado toda minha estrutura emocional. Da mesma maneira Pedrosa ressalta o que a homofobia pode causar:

O estresse emocional crônico gerado pela humilhação comprometerá a saúde física e a estrutura de personalidade do vitimado desencadeando baixo autocontrole emocional, baixa autoestima e atitudes autodestrutivas que podem evoluir para a incapacidade produtiva, desemprego, morte, enfarte, problemas psiquiátricos, derrame cerebral, isolamento social, suicídio, uso de drogas, marginalidade, incapacidade de estabelecer ligações afetivas, incompetência nas relações interpessoais, timidez, dificuldade de se comunicar (2009, p. 01).

Eu já tinha escutado comentários e sussurros de várias pessoas, inclusive de colegas de sala, mas essa foi a primeira vez que o preconceito me deixou realmente abalado. Candau diz que o preconceito e seu fundamento discriminatório pode ser entendido como:

[...] tratamento desfavorável dado habitualmente a certas categorias de pessoas e/ou grupos. Refere-se a processos de controle social que servem para manter a distância social entre determinados grupos, através de um conjunto de práticas, mais ou menos institucionalizadas, que favorecem a atribuição arbitrária de traços de inferioridade (2003, p. 18).

Por vergonha e por medo nunca contei a ninguém sobre esse episódio. Me questiono como aqueles meninos podiam me definir como isso ou aquilo, sendo que eu mesmo não havia me definido, eu era apenas um adolescente cheio de dúvidas e sonhos. Minha identidade estava sendo construída. Castells define identidade como:

Processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (2008, p. 22).

Minha identidade sexual ainda estava sendo construída, pois é um processo lento, contínuo e sem fim. Sobre esse assunto Britzman menciona que:

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro lado, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (1996, p. 74).

Esse foi o primeiro grande ataque homofóbico que eu sofri, aos 17 anos de idade. Algo que eu nunca vou esquecer e ficará marcado por toda a minha vida. Aqueles meninos não sabem o que aquelas palavras causaram e todas as consequências que elas trouxeram para a minha vida. Aquele ato de violência em plena adolescência trouxe ainda mais questionamentos e angústias. Os autores Mello, Grossi e Uziel afirmam:

Sabemos, portanto, que *gays*, lésbicas e transgêneros não apenas têm menos direitos do que os indivíduos heterossexuais, mas que também estão mais sujeitos à violência, à discriminação e ao preconceito em diversos âmbitos

da vida social, tanto na vida adulta quanto na infância e na juventude (2009, p. 161).

O termo homofobia é formado por dois radicais gregos *ὁμός* (semelhante) e *φόβος* (temor, medo), de forma geral se trata de uma aversão aos homossexuais. Junqueira define a homofobia como:

Termo que costuma ser insistentemente empregado em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e “doentio”) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja). Assim, seriam indícios (ou “sintomas”) de homofobia o ato de se evitarem homossexuais e situações associáveis ao universo homossexual, bem como a repulsa às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo (2009, p. 370).

3.2 Adolescência / Faculdade

Sempre fui apaixonado por desenho, desenhava e rabiscava meus cadernos durante as aulas entediantes, esboçava carros, casas e roupas. Infelizmente perdi todos esses registros, minha mãe durante uma faxina pensou que não tinham utilidade e os jogou tudo fora. Na pré-adolescência pensei em fazer diferentes cursos: arquitetura e urbanismo, desenho industrial e relações internacionais. No final do terceiro ano o Colégio contratou uma psicóloga para realizar testes vocacionais para auxiliar na definição do curso superior. Incrivelmente o meu teste condizia muito comigo, me lembro que quase 80 por cento do teste sugeriu a área de artística (desenho industrial, artes, arquitetura etc.) a segunda opção foi administrativas-persuasivas (direito, administração, contabilidade etc.) e por último e com baixa porcentagem a área de biológicas.

Ao assistir televisão eu percebia que sempre havia um preconceito com as pessoas que se formaram em cursos da área de artística como os estilistas, por exemplo. Grande parte desses profissionais certamente sofrem muito com a homofobia, é como se a orientação sexual os definisse como pessoas inferiores que despertam ódio e repúdio. Em relação a esses profissionais eu ouvia comentários do tipo: se ele faz roupa é porque é viado, só faz desenho quem é “mulherzinha”. É assustador como esses termos são carregados de sentimentos ruins, como afirma Borillo:

Diferentemente de outras formas de hostilidade, o que caracterizaria a homofobia, portanto, é o fato de que ela visa, sobretudo, indivíduos isolados, e não grupos já constituídos como minorias. O homossexual sofre sozinho o ostracismo associado à sua homossexualidade, sem qualquer apoio das pessoas à sua volta e, muitas vezes, em um ambiente familiar também hostil. Ele é mais facilmente vítima de uma aversão a si mesmo e de uma violência interiorizada, suscetíveis de levá-lo até ao suicídio (2010, p. 40).

Meu maior desejo na época era cursar arquitetura, mas de alguma forma eu sabia que aquilo não era possível, não por questões financeiras, mas porque em Paracatu mesmo havendo três Faculdades nenhuma oferecia o curso de arquitetura. Conclui o ensino médio no ano de 2005 com 17 anos, e de certa forma não estava preparado para me mudar para uma cidade grande para ingressar em uma faculdade que oferecia o curso que tanto almejava.

Eu não me sentia preparado para mudar de cidade, e como meus pais eram pessoas muito simples não souberam me orientar quanto à escolha do curso, mudança de cidade e outros assuntos sobre os quais todo pré-adolescente tem dúvida nessa etapa da vida.

Com isso em fevereiro de 2006 resolvi cursar Faculdade em Paracatu. Como eu iria estudar à noite voltei a morar com meus pais na fazenda, pois havia um ônibus que transportava estudantes todo dia de Guarda-Mor à Paracatu. Dos cinco anos de Faculdade morei os três primeiros na fazenda. Nesse período não cheguei a me envolver com ninguém. No quarto ano de Faculdade fui morar novamente com minha tia em Paracatu. Depois de alguns meses fui morar sozinho em um apartamento alugado pelos meus pais que pertencia à minha madrinha.

Após entrar na faculdade eu já não conseguia mais esconder minha homossexualidade, ela já transbordava pelo meu ser. Acredito que minha sexualidade estava sendo construída por um conjunto de fatores internos e externos. De forma análoga Figueiredo esclarece que:

Reconhecer a sexualidade como construção social assemelha-se a dizer que as práticas e desejos são também construídos culturalmente, dependendo da diversidade de povos, concepções de mundo e costumes existentes, mesmo quando integrados em um só país, como ocorre no Brasil. Isso envolve a necessidade de questionamentos de ideias majoritariamente presentes na mídia, em condutas idealizadas, que são "naturalizadas", e, assim, generalizadas para todos os grupos sociais, independentemente de suas origens e localização (1998, p. 9).

Acredito que no momento que tive a “certeza” de minha sexualidade e a aceitei realmente pude experimentar a sensação que poderia “começar” a minha vida. Era como se estive abrindo um novo capítulo em minha vida pronto para ser escrito. Nesse momento

percebi o quanto eu precisava me aceitar para começar realmente a viver. Nessa questão Ponty explana que:

É a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história. Se a história sexual de um homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens. [...] Na história sexual, concebida como a elaboração de uma forma geral de vida, podem introduzir-se todos os motivos psicológicos, porque não há mais interferência de suas causalidades e porque a vida genital está engrenada na vida total do sujeito (2006, p. 219).

A vida não é fácil, mas a meu ver a de um homossexual certamente é um pouco mais difícil e dolorosa por todo o preconceito que se sofre. Mas como a vida é uma luta diária é preciso ser forte e saber lidar com a homofobia. De forma semelhante Vecchiatti (2008) argumenta que:

Com efeito, nenhuma pessoa escolhe ser homo, hétero ou bissexual: as pessoas simplesmente se descobrem de uma forma ou de outra. Não há “escolha”, mesmo porque, se opção houvesse, certamente as pessoas optariam pela orientação sexual mais fácil de ser vivida, qual seja aquela que não sofre com o preconceito social: a heterossexual. Em suma: sexualidade não se escolhe, se descobre (2008, p. 106).

Nesse período me envolvi com um rapaz, gostava dele e tínhamos um relacionamento, mas não era um namoro. Ele tinha vários problemas internos com sua sexualidade. Ele possuía pavor de ser intitulado como gay e tinha muito medo do preconceito. Ele se importava demasiadamente com os julgamentos das pessoas e o medo da homofobia e da violência foram tão grandes que o impediram de se assumir *gay* principalmente para si próprio. A imposição da sociedade pela heterossexualidade o tornou refém em um cativeiro do qual ele nunca foi capaz de sair. Se libertar desse cativeiro é muito difícil, às vezes eu ainda sou refém da heterossexualidade e preciso esconder minha sexualidade.

Depois de poucos meses o relacionamento acabou, mas continuamos amigos. Ele se casou e mantém uma vida heteronormativa e participa assiduamente da Igreja. É importante deixar claro que nem todos que fazem parte da Igreja são homofóbicos, inclusive o Papa Francisco vem buscando uma aproximação maior entre os homossexuais e a Igreja Católica. Mas ao conversar com ele ainda percebo o seu medo e o pânico de que algo ligado à sua sexualidade seja revelado. Acredito que o medo de ser estereotipado como homossexual lhe cause grande horror, como Levounis, Drescer e Barber relatam:

Ser homossexual por si só não leva ninguém a ter ansiedade ou pânico. Ser homossexual em uma sociedade em que isso é altamente estigmatizado e com frequência condenado por muitas instituições culturais e religiosas, e os homossexuais são vistos como um grupo de pessoas com menos direitos, isso sim, pode levar a tais reações (2014, p. 169).

Acredito que ele sofra pelo desejo homossexual e que o seu grande problema seja a homofobia internalizada cujas principais características segundo Borges são:

- Confusão emocional;
- Baixa autoestima;
- Atitude hipercrítica em relação a si mesmo e aos outros;
- Isolamento social;
- Supressão generalizada da expressão de sentimentos;
- Depressão crônica;
- Auto abuso, por meio de uso recorrente de álcool ou de substâncias ilícitas, automutilação, exposição a situações de risco e tentativas de suicídio;
- Ansiedade crônica;
- Dificuldade generalizada de estabelecer intimidade;
- “atuação”, por meio da adoção de estereótipos;
- “recusa” em assumir posições ou situações de liderança;
- Atitudes super compensatórias nas relações familiares (querer ser o melhor em tudo);
- Baixa imunidade, o que gera problemas de saúde;
- Depreciação de outros *gays*, ou mesmo ataques verbais ou físicos a eles. (2009, p. 33).

Na faculdade conheci um rapaz que era amigo da minha melhor amiga e grande confidente. Começamos com uma amizade, ficamos muito próximos e nos apaixonamos. Existia um sentimento muito forte entre nós, mas o relacionamento não foi possível devido à sua religiosidade. A Bíblia sempre condenou relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é;” (Levítico 18:22). Mas me pergunto se essas leis são divinas ou de cunho humano, dúvida que também pode ser encontrada na passagem de Carvalho que diz:

Certa vez, numa roda de amigos, alguém disse que na Bíblia está escrito que Deus condena relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo. Acho tudo isso muito estranho, pois também disseram que os anjos não têm sexo. No fundo, essas leis que condenam tudo isso são de Deus ou do homem? (2007, p. 14).

Sua religiosidade não permitiu que tivéssemos um relacionamento. Ele se sentia extremamente culpado por amar alguém do mesmo sexo. Em sua concepção o que ele fazia era inconcebível, principalmente devido à sua relação extremamente íntima com a Igreja. Para ele aquele era o pior pecado que poderia cometer perante a Igreja. Sobre esse assunto Boswel apud Mott alega que:

O pecado nefando, isto é, aquele cujo nome não pode ser mencionado – e muito menos praticado! – foi considerado pela moral judaico-cristã como mais grave do que os mais hediondos crimes antissociais, como por exemplo, o matricídio, a violência sexual contra crianças, o canibalismo, o genocídio e até o deicídio – todos pecados-crimes mencionáveis, enquanto só o abominável pecado de sodomia foi rotulado e tratado como *nefandum* (1994, s.p).

Eu sofri muito com a decisão dele em favor da Igreja, e percebi que ele estava extremamente triste, mas sua devoção religiosa era maior que qualquer coisa inclusive o sentimento que tinha por mim.

Atualmente sei que ele lida melhor com sua homossexualidade. Ele consegue conciliar sua orientação sexual com sua religiosidade, ou seja, hoje ele não se priva mais de viver sua sexualidade em prol da Igreja.

Para me formar fiz estágio obrigatório em duas empresas, uma no ramo de análises de solo e outra do ramo de consultoria em segurança do Trabalho. Logo depois consegui emprego em uma grande construtora da cidade. Meu trabalho era coordenar a equipe que prestava serviços para a Copasa e gerenciar o contrato de serviços.

Por ser uma construtora, a maioria dos funcionários eram homens e acredito que muitos com grande carga de preconceito. Eu me sentia desconfortável e tentava ao máximo não deixar transparecer qualquer vestígio de minha orientação sexual. De certa forma a sociedade, principalmente a machista, impõe a heterossexualidade como padrão único, natural e aceitável esmagando todo e qualquer sujeito homossexual. Miskolci sobre a heteronormatividade pondera:

A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida. *Gays* e lésbicas normalizados, que aderem a um padrão heterossexual, também, podem ser agentes da heteronormatividade. Não pode acaso, violências atualmente chamadas de homofobia não dirigem igualmente a todos/as os/as homossexuais, mas,

antes, muito mais frequentemente a quem não segue esse padrão (2016, p. 14).

A sociedade não precisa anular a homossexualidade, ela precisa compreender que a sexualidade é algo construído socialmente, como Britzman apresenta:

A identidade heterossexual normativa exija que se construa, ao mesmo tempo, a homossexualidade como falta o que se deixa de pensar é que *todas* as sexualidades devem ser construídas, que nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda a nossa vida e que a moldagem sexual não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição (1996, p. 91).

Eu me sentia totalmente sem graça e deslocado quando surgia algum comentário homofóbico, por isso nunca fui em nenhuma festa ou confraternização da empresa, pois os comentários me machucavam e me deixavam extremamente triste. Apesar de ocupar um cargo de gerência e de responsabilidade dentro da Empresa os funcionários não deixavam de fazer comentários preconceituosos, era como se minha opção sexual fosse mais relevante que o trabalho que eu desempenhava. A maneira como os funcionários me viam e como se referiam a mim me afetavam profundamente fazendo com que eu me sentisse como uma aberração da natureza. De forma símile Seffnerv pondera:

A crença socialmente institucionalizada segundo a qual existira apenas um modo legítimo de viver as masculinidades e as feminilidades e uma única forma “sadia e normal” de expressar-se sexualmente – a heterossexual – vem fazendo com que os sujeitos que não se adequam nessa representação sejam colocados e se sintam à margem, como “desviantes”, “aberrações”, “contra a natureza” (2006, p. 91-92).

Até o término da Faculdade tive apenas dois relacionamentos; um que durou seis meses e outro que durou um ano e nove meses. O relacionamento de maior duração foi totalmente diferente dos anteriores, pois foi um namoro em que as famílias se conheceram. Também foi com esse namorado que me assumi para a minha turma da Faculdade. Isso ocorreu no final do curso durante uma visita técnica em outra cidade quando ele me acompanhou. Todos os meus colegas já sabiam de minha orientação sexual, pois já havia me assumido para a toda a sala em determinado momento.

No último semestre da Faculdade havia uma disciplina chamada Ética para Engenharia e durante as aulas o professor várias vezes questionou se seria ético ou não duas meninas se beijarem no corredor da faculdade. Cheguei a comentar com minha amiga que em certo momento eu iria levantar a mão e comentar sobre esse exemplo, pois ele me deixava

constrangido e para mim continha conotação homofóbica. Eu não aguentava mais aquela situação e precisa fazer algo para acabar com aquilo. Então, na terceira vez que ele deu o mesmo exemplo, levantei a mão, disse que era *gay* perante toda a turma e comentei sobre o assunto. Eu não podia deixar que aquilo viesse a acontecer mais uma vez, por isso tomei coragem.

Acredito que os professores devem ser preparados e instruídos de forma correta para lidar com as questões de gênero dentro da sala de aula. Os professores devem tratar seus alunos considerando seus marcadores sociais, sexuais, etnia e religiosidade e não realizar comentários de cunho homofóbico, racista, xenofóbico ou que cause desconforto a qualquer tipo de aluno. Compartilhando desse pensamento, Brasil menciona que:

Entretanto, a escola é, ao mesmo tempo, um local privilegiado para a construção de uma consciência crítica e de desenvolvimento de práticas que se pautem pelo reconhecimento da diversidade e pelos direitos humanos [...]. Reside aí, portanto, a inquestionável importância de se promoverem ações sistemáticas que ofereçam aos profissionais da educação bases conceituais e pedagógicas que melhor dotem de instrumentos para lidarem adequadamente com as diversidades de corpos, gêneros, identidades, sexualidades [...]. (2006, p. 234).

Após a aula, no corredor, o professor se aproximou e me pediu desculpa pelo exemplo dado. Todas as instituições de ensino, principalmente as de ensino superior devem auxiliar os discentes na questão das relações de gênero. As dúvidas e incertezas começam ainda na infância, mas é na adolescência que elas mais se intensificam. Os educandários devem passar a ter um olhar mais cuidadoso e afetuoso com os educandos nessa fase de descobertas que é tão difícil. As escolas devem estar preparadas para receber os alunos e os apoiarem e lhes oferecer todo o suporte na questão de sexualidade. Da mesma maneira Egypto explana:

É fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, porque todo mundo sabe que a sexualidade é fator essencial na questão da identidade: o “ser menino” ou o “ser menina”, o que é ser homem ou mulher, os comportamentos e ações de cada gênero. Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica com a formação de sua personalidade. É importante trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher e de expressar isso (2003, p. 1).

Eu sempre fui muito respeitado pela minha turma, sempre exerci cargos de chefia na turma como tesoureiro da Comissão de Formatura. Eu efetivamente respeitei todos os meus

colegas e professores, então, o mínimo que eu exigia era ser tratado com respeito e dignidade. É sempre bom deixar claro que todos temos direitos e garantias asseguradas pela Constituição Federal. Mas como vivemos em um país cheio de desigualdades e injustiças o simples fato de estar na Constituição não nos garante esses direitos. Independentemente do que haja o mínimo que todo ser humano merece é ser tratado dignamente. Sobre isso Moraes elucida:

[...] dignidade é um valor espiritual e moral inerente à pessoa, que se manifesta singularmente na autodeterminação consciente e responsável da própria vida e que traz consigo a pretensão ao respeito por parte das demais pessoas, constituindo-se um mínimo invulnerável que todo estatuto jurídico deve assegurar, de modo que, somente excepcionalmente, possam ser feitas limitações ao exercício dos direitos fundamentais, mas sempre sem menosprezar a necessária estima que merecem todas as pessoas enquanto seres humanos (2006, p. 48).

3.3 A experiência da docência

“Se, do ponto de vista científico, negamos que o professor tenha a capacidade mística de ‘modelar a alma alheia’, é precisamente porque reconhecemos que sua importância é incomensuravelmente maior”.⁶
Vygotsky

Depois que terminei a faculdade em dezembro de 2010 continuei a trabalhar na Construtora por mais um tempo. Como meu namoro havia acabado e eu já havia me formado decidi me mudar de Paracatu e fui morar em Betim com a minha melhor amiga. Morei com ela por aproximadamente seis meses. Trabalhávamos prestando consultoria na área de meio ambiente e segurança do trabalho para Empresas de Betim e região. Foi uma mudança muito difícil para mim, pois era uma cidade totalmente desconhecida, não tinha amigos, família e colegas de trabalho. Com isso entrei em depressão e decidi voltar para Paracatu.

Assim que voltei fui para a fazenda dos meus pais, me senti totalmente fracassado e infeliz. Procurei meu antigo chefe na construtora, e ele me propôs um cargo inferior com um salário bem menor que eu ganhava. Achei a proposta injusta e foi nesse momento que um dos meus grandes amigos que morava em Unaí (cidade próxima a Paracatu) me chamou para passar uns dias na casa dele e tentar alguma coisa na cidade. Ele me sugeriu que eu fizesse meu CAT (autorização para lecionar) para tentar pegar aulas nas escolas estaduais e foi o que eu fiz. Me mudei para Unaí em agosto se não me engano, e na primeira designação eu

⁶ Psicologia pedagógica, 2003, p.76

consegui pegar aulas e pouco tempo depois, já trabalhava em duas escolas do Estado e em uma Escola Profissionalizante. No final do ano meu contrato havia acabado, mas no outro dia por indicação de uma professora que havia substituído consegui uma entrevista em um colégio particular da cidade, e para minha alegria fui selecionado e com isso já estava com emprego garantido para o próximo ano.

Em 2013 eu tinha 20 aulas semanais no colégio particular, mas a partir de 2014 eu já estava com 40 aulas por semana, sendo o professor com a maior carga horária. No começo foi muito difícil, pois os alunos me testaram muito, pois eu era um professor novo e recém-chegado na escola, mas em pouco tempo ganhei a confiança e o afeto deles.

Me recordo que em um dia de apresentações da minha turma (quinto ano do Ensino Fundamental I) a mãe de um aluno sentou-se ao meu lado e disse: as pessoas estão comentando que você é *gay*. Fiquei totalmente constrangido e sem graça com o comentário, pois além de eu não a conhecer ela era a mãe de um aluno. Eu nunca havia comentado sobre a minha sexualidade com meus alunos e com estranhos, pois eu não tinha coragem de falar abertamente o assunto. De forma semelhante Fonseca pondera:

Nunca havia falado da minha sexualidade com meus (minhas) alunos (as). Quando era questionado se eu tinha namorada ou esposa, eu dizia que não. E era verdade! Mas não tinha coragem, naquele momento, em revidar dizendo que eu mantinha um relacionamento com outro homem (2018, p. 63).

Eu trabalhava com crianças em uma instituição particular, e por esse motivo eu buscava ser o mais discreto possível. Eu comentei sobre minha homossexualidade para pouquíssimas pessoas, somente amigos próximos sabiam da minha boca. As pessoas podiam ter dúvidas, mas não tinham provas pois eu era muito discreto.

Por trabalhar em uma instituição privada eu me cobrava muito em relação à minha postura, pois não permitia transparecer de forma alguma minha orientação sexual. Meu maior medo era a reação dos pais se soubessem de algo, pois a cidade era relativamente pequena e parte da comunidade era extremamente conservadora. Eu tinha muito receio do preconceito. Resumidamente as características básicas do preconceito são:

Desenvolver sentimento de superioridade em relação a outro grupo de pessoas; justificar que outro grupo não tenha direitos a boas moradias, bons empregos, educação de qualidade etc.; tratar outro grupo de pessoas como estrangeiro, estranho; demonstrar medo e suspeita frente a outro grupo (BENTO, 2005, p. 37).

Certo dia em uma reunião com a minha diretora ela me mostrou uma foto do filho em seu celular. Ao me mostrar a foto ela comentou que seu filho era muito bonito e um excelente rapaz. Deixei a reunião sem entender o comentário sobre o filho dela, mas depois de algum tempo descobri que seu filho também era *gay*. Acredito que por ter um filho homossexual ela percebeu que eu também era. Ela morava em Brasília, mas devido ao trabalho passava a semana em Unai para trabalhar. Certamente ela foi uma das mulheres mais incríveis com quem pude trabalhar, ela era humana, gentil e compreensível. Nos tornamos amigos íntimos, e sempre a considerei como uma amiga muito especial, mas minha alegria acabou depois de três anos quando ela saiu da direção da escola e assumiu um cargo de supervisão e por isso visitava a escola poucas vezes por ano.

Nesse período eu me sentia realizado financeiramente, pois com o grande número de aulas recebia um bom salário. Apesar de tudo eu não me sentia totalmente feliz, a pressão no colégio era muito grande e com a nova direção as coisas ficaram piores. Pelo excesso de cobrança por parte do Colégio e pelo excesso de aulas desenvolvi ao longo dos quatro anos que trabalhei no colégio várias enfermidades; o alto grau de estresse me causava muitas dores.

Havia outro professor no colégio que também era homossexual, mas não éramos próximos. Esse professor tinha um comportamento mais liberal e não se importava com os comentários a seu respeito. Éramos totalmente diferentes, eu era uma pessoa mais discreta e ele pelo contrário não escondia sua homossexualidade.

Certa vez ao ir ao banheiro escutei dois alunos tecendo comentários extremamente homofóbicos a respeito desse professor. Fiquei muito chateado ao ouvir aquele tipo de comentário e fiquei assustado com a falta de respeito dos alunos para com o professor. De forma geral a sociedade sempre marginaliza as minorias. De acordo com Resende (2006, p. 20) “na instituição escolar, bem como na sociedade em geral, predominam as relações de poder e aqueles que são diferentes da maioria sofrem preconceitos e discriminações”.

Não sei qual seria a reação do professor se ele tivesse ouvido aqueles insultos. Então é por esse e por outros motivos que a escola deve educar as crianças com preceitos voltados para o amor, compaixão e respeito ao próximo. A homofobia e o sexismo no ambiente escolar:

produzem sofrimento e injustiça, uma vez que o preconceito – tanto racial como homossexual – afeta as relações sociais, pedagógicas, fatores de marginalização e exclusão de indivíduos. Colocam também em risco o direito à educação, por isso a escola não pode deixar de educar as crianças para o mundo (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO, 2008, p. 1).

Por esse motivo acredito que sempre tive uma postura “discreta” perante a comunidade escolar; eu me sentia a pior pessoa do mundo ao ouvir comentários homofóbicos. A sociedade não aceita a homossexualidade, impõe suas normas e aquilo que não se enquadra ela marginaliza e oprime, por isso o tema deve ser debatido dentro da sociedade, como Conde afirma:

Ao trazer a discussão da sexualidade para o domínio público, assim como o fizeram o feminismo e os movimentos de liberação sexual da década de 1960, o movimento homossexual apresenta uma antinomia e exige que ela seja assumida pelo Estado laico de direito, distante dos dogmas religiosos e das noções preconcebidas – a sexualidade é política, e a individualidade constitui um direito humano fundamental. Em outras palavras, o movimento não admite que o desrespeito ao direito humano fundamental de exercer livremente a orientação sexual seja tratado pelo Estado como assunto limitado à esfera privada (2004, p. 15).

Com o tempo eu passei a confiar em algumas mães que se tornaram grandes amigas e confidenciei a elas sobre minha homossexualidade. A questão de minha sexualidade já era algo mais “normal” para mim; o problema não era ser homossexual, mas o preconceito. O medo do preconceito e de não ser aceito e compreendido por algumas pessoas ainda existiam. Resende reforça:

Em relação à minha sexualidade, passei a encará-la com um pouco mais de tranquilidade; sabia que podia vivenciá-la, desde que as pessoas não ficassem sabendo. Apesar de ter compreendido na terapia que também não tinha problema em ser homossexual, o sentimento de culpa, a pressão social e o medo de não ser aceito eram grandes (2016, p. 15).

Como Brasília era próxima de Unai quando eu queria ir em festas sempre me dirigia para lá. Por se tratar de uma cidade grande ninguém me conhecia, o que me permitia ser eu mesmo sem julgamentos. Em Brasília eu frequentava boates GLS⁷ e respirava aliviado por saber que não estava sendo julgado e vigiado a todo momento.

Apesar do meu comportamento discreto e do medo da reação dos pais ao saberem de minha homossexualidade nunca me privei de ter relacionamentos. Como eu morava sozinho eu e meu namorado na época fazíamos programas em casa, e quando saíamos na cidade nos portávamos como amigos. Eu nunca me permiti fazer alguma demonstração de afeto em público, pois tinha medo da reação das pessoas. De certa forma eu precisava desvincular a homossexualidade como algo ruim e antinatural aos olhos dos outros.

⁷ GLS – *Gays*, lésbicas e simpatizantes

Durante o período que estive no Colégio as pessoas com quem me relacionei sempre entenderam minha delicada situação em relação ao trabalho. Enquanto trabalhava no Colégio realizei um processo seletivo para lecionar em uma Faculdade particular da cidade. Felizmente consegui passar no processo e ao trabalhar no ensino superior encontrei algo que realmente me fizesse amar a docência. Lecionar em uma Faculdade foi uma das minhas maiores realizações, na verdade foi um sonho concretizado.

Durante o tempo que permaneci na instituição logicamente escutei vários comentários homofóbicos dos meus alunos. Não presenciei nenhum comentário ligado diretamente a mim, mas aos homossexuais de forma geral ouvi muitos comentários e brincadeiras. Para que o ambiente escolar se torne um lugar realmente acolhedor a todos os homossexuais é preciso de informação e de uma legislação eficiente que garanta informações relacionadas à questão de gênero como corrobora Fonseca:

O que falta é informação e legislação. Informação para promover o conhecimento aos (às) profissionais de educação e aos alunos e alunas. Ainda hoje, palestras sobre sexualidade, dos (as) professores (as) ou de outros (as) profissionais que visitam as escolas, não esclarecem a homossexualidade, logo, os (as) alunos (as) que se sentem diferentes ainda não se compreendem e os (as) demais não os (as) entendem e não os (as) respeitam. Nem legislação há para garantir que a informação chegue às escolas, garantindo os direitos dos (as) homossexuais, apenas orientações de respeito às diversidades. É preciso agir para que outras crianças e adolescentes não precisem passar pelos sofrimentos, pelas angústias, pelas tristezas e agressões que passei. Precisamos de mudanças para que as crianças sejam respeitadas dentro do espaço que deveria educá-las para a compreensão de mundo e dos outros: a escola (2018, p. 44).

Certo dia um aluno da Faculdade me enviou uma solicitação de amizade em uma rede social; prontamente aceitei crendo que não haveria problemas. Mas no outro dia vários alunos vieram me questionar sobre uma foto que estava circulando em um grupo de conversa da turma. A foto foi tirada durante uma festa a fantasia que a minha turma realizou para a formatura; na foto eu estava usando uma máscara com muito glitter.

Vários alunos vieram me questionar se a foto era realmente minha. Confirmei que sim para todos os que me questionaram. Mas rapidamente entendi o questionamento e os comentários sobre a foto, eles acharam que eu estava “muito gay” na foto. É curioso as pessoas julgarem e estigmatizarem alguém simplesmente por uma fotografia, é preciso que as pessoas se livrem de todos os formalismos para enxergar o outro condescendentemente.

Depois desse fato tomei a decisão de não aceitar meus alunos em redes sociais. Acredito que de certa forma ter meus alunos em redes sociais prejudicou minha privacidade,

pois a maioria de meus alunos infelizmente não conseguia separar a minha vida profissional de minha vida particular.

A Faculdade em que trabalhava passou por uma crise financeira e vários professores foram dispensados. Como eu havia sido um dos últimos a serem contratados infelizmente fui um dos primeiros a ser desligado da Instituição depois de um ano e cinco meses.

Depois que a direção do Colégio foi substituída a escola não foi mais a mesma principalmente para mim. Tanto o novo diretor quanto a nova coordenadora não gostavam muito de mim, acredito que pela proximidade que eu mantinha com a diretora anterior. No fim do mesmo ano fui desligado do Colégio, situação que me causou enorme tristeza, pois a minha vida era totalmente voltada para aquele educandário. Durante os quatro anos que trabalhei no Colégio cresci muito profissionalmente e posso dizer que me apaixonei pela profissão lecionando naquela escola.

3.4 Estudo na UNB

Quando fui desligado do Colégio em dezembro de 2016 me vi totalmente perdido e sem saber o que fazer. Naquele período eu estava namorando, meu namorado morava em Brasília para estudar, mas sua família era de Unaí. Ao ver minha situação e sabendo de meu desejo de fazer mestrado ele me chamou para morarmos juntos em Brasília. Eu aceitei o convite, vendi meu apartamento, comprei uma quitinete para facilitar a locação do imóvel e em fevereiro de 2017 me mudei para Brasília.

Encontramos uma quitinete pequena, mas muito bem localizada na Asa Norte em Brasília. Fui à Universidade de Brasília, fiz minha matrícula e fui aceito para ser aluno especial em duas disciplinas ofertadas pelo CDS (Centro de Desenvolvimento Sustentável). Ao cursar as disciplinas me senti realizado, meu tempo era totalmente voltado para o estudo, foram seis meses inteiramente concentrado na vida acadêmica.

A vida em Brasília era totalmente diferente do que eu vivia em Unaí, eu me sentia livre para ser o que eu quisesse. Eu tinha a sensação de que não era mais vigiado como antes, é claro que o preconceito existe em todos os lugares, mas em cidades pequenas a comunidade em si carrega preceitos, normas antigas e rígidas.

Na UNB tentei o processo seletivo para ingressar no mestrado na área de Educação e na área em Desenvolvimento Sustentável, mas infelizmente não consegui passar em nenhum

dos processos. No momento em que tive a certeza de que não passei me senti extremamente triste e frustrado, pois havia me dedicado ao máximo ao longo daquele semestre. Cursar mestrado era um sonho que não foi possível realizar naquele momento. Meu namorado, vendo a situação do país queria ir embora e como eu não tinha nenhuma perspectiva de emprego decidimos ir para os Estados Unidos.

3.5 A vida nos Estados Unidos

Com a decisão tomada de ir para os EUA rapidamente demos entrada no passaporte e no visto; foi um processo muito rápido. Chegamos em Bridgeport-CT em agosto de 2017 e ficamos hospedados na casa da minha amiga que nos recebeu muito bem. No mesmo dia ela conversou com um amigo e me conseguiu um emprego de *helper* (ajudante de construção). Eu nunca havia trabalhado na construção civil, mas estava disposto a trabalhar em qualquer área, pois sabia que meus diplomas naquele país não teriam nenhuma validade. O serviço era muito cansativo fisicamente, carregava muito peso, mas aos poucos me acostumei.

Poucas semanas depois eu e meu namorado conseguimos alugar um *attic* (sótão) em uma casa próxima da dela. Trabalhar na construção civil para mim não foi uma tarefa fácil, sempre há comentários e brincadeiras de mal gosto, mas me tornei amigo do meu chefe e passei a relevar as brincadeiras em relação à minha homossexualidade. Por ter um porte físico mais fraco meu namorado não conseguia trabalhar na construção; com isso ele fazia serviços esporádicos como *helper* de faxina.

Como estávamos no Norte e o inverno estava prestes a começar meu chefe decidiu se mudar para a Florida, então nos mudamos com ele. Na Flórida havia um leque maior de emprego para imigrantes. Continuei a trabalhar na construção por mais algum tempo, mas depois procurei outros tipos de trabalho. Trabalhei em diversos empregos como: lavar carros, limpar restaurantes e por fim trabalhei limpando estacionamentos de *shoppings*.

Infelizmente desde que chegamos nos Estados Unidos meu relacionamento não estava mais dando certo e foi quando decidimos nos separar. Apesar de estar em um país com muitas oportunidades o sonho de realizar o mestrado era muito grande o que me deixava angustiado. Por esse motivo decidi voltar para o Brasil e correr atrás do meu grande sonho de ser mestre.

3.6 Retorno ao Brasil

Após morar nos Estados Unidos por onze meses retornei ao Brasil em julho de 2018 e assim que cheguei fiquei uns dias na fazenda dos meus pais e depois me dirigi para Patos de Minas. Inicialmente fui morar com meu irmão e com meu cunhado, mas depois aluguei um quarto para mim em uma casa.

Nesse período as inscrições para o processo seletivo de mestrado em Educação na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) estavam abertas e decidi tentar mais uma vez. Fui para Uberlândia e fiz a prova sem muitas expectativas, pois não queria criar falsas esperanças. Depois de algumas semanas o resultado saiu e para minha surpresa me classifiquei em terceiro lugar. A próxima etapa era avaliação de currículos; reuni toda a minha documentação e enviei. Com essa etapa a minha nota subiu e fiquei classificado em segundo lugar. No momento em que tive a certeza de que meu sonho havia se concretizado me senti muito feliz e realizado.

Ao entrar na UFU percebi que a questão da homossexualidade era tratada de uma forma mais leve, pelo menos foi a impressão que tive. Notei que casais homossexuais andavam de mãos dadas pelo *campus* e naquele lugar eu sentia uma sensação de alívio e liberdade. Certamente houve e ainda há muita discriminação no *campus*, mas felizmente não presenciei nenhuma. Em uma aula de Epistemologia da Educação o tema homossexualidade foi abordado e falei sobre minha experiência. Durante a aula me senti muito à vontade em compartilhar sobre minha vida com meus colegas, não tive medo de ser discriminado com comentários machistas e homofóbicos.

Em toda a minha vida ouvi muitos comentários machistas em diversos ambientes, tanto na escola quanto no trabalho. Muitos homens, por falta de coragem em se assumir acabam denegrindo aquilo que eles gostariam de ser, mas por medo de uma sociedade preconceituosa não o fazem. De maneira similar Trevisan menciona:

O machismo brasileiro pode ser uma forma exuberante de buscar a homossexualidade, mais do que uma maneira de declinar dela ou simplesmente rechaçar os viados. Nosso machão veste essa couraça para se defender de algo que o fascina – mais ou menos como o refrão “Ordem e Progresso” esconde nossa propensão interior ao caos, à desordem. (2018, p. 55).

3.7 Família x Homossexualidade

O passo mais difícil que um homossexual pode dar na minha opinião é se assumir perante a família. É um momento tão difícil e complicado que muitas vezes faltam palavras e não se sabe por onde começar a falar de um assunto tão delicado e íntimo, conforme é ilustrado por Carvalho em um trecho do seu livro ‘O terceiro travesseiro’:

O que tenho para falar é muito sério, e nem sei como começar.

Antes que eu pudesse pensar em como prosseguir com a conversa, meu pai perguntou:

Você está envolvido com drogas, meu filho?

Antecipando-se a mim, minha mãe respondeu que não. Meu pai pediu para ela ficar quieta, pois era eu quem deveria responder isso. Quando vi que minha mãe iria retrucar, intervim dizendo:

Pai, mãe, não briguem agora. Essa situação é muito difícil para mim.

Meu pai voltou a perguntar:

Fala, filho, o problema é esse mesmo?

Não, pai, não estou envolvido com drogas.

Nitidamente aliviados, eles até suspiraram e, daquele momento em diante, eu já não tinha mais a atenção deles.

Totalmente descontraído, meu pai passou por mim, ligou a TV e foi para a cozinha pegar uma latinha de cerveja. Na volta sentou-se no sofá e disse:

Filho pode falar o que é. A minha preocupação maior era o seu envolvimento com drogas, e já que bicha você também não é, não existe nada pior.

Eu nem sei definir direito como as palavras dele me atingiram, e a única coisa que eu queria naquele momento era estar morto.

Minha mãe pegou o telefone dizendo que iria pedir uma pizza, que eu estava fazendo uma tempestade num copo d'água e que mais tarde nós conversaríamos. Ela já definia com meu pai se a pizza seria de calabresa ou não quando eu, num ato de desespero por perder o controle da situação, desliguei a TV e gritei com ela para que colocasse o telefone no gancho. Levantando-se, meu pai disse para eu não gritar com minha mãe. Respondi que eles não me deixavam falar. Então ele gritou:

Fala de uma vez, poxa!

Eu sou homossexual, pai.

Senti que a casa caiu.

Com a expressão no rosto de quem não estava entendendo nada e fazendo gestos com as mãos, ele olhou para minha mãe em busca de uma palavra. Palavra esta que não existiu, pois ela, ajoelhada e com as mãos no rosto, já chorava compulsivamente.

Eu continuava de pé no mesmo canto da sala, quando ele se aproximou de mim e me segurando pelos ombros, disse gritando:

Você é bicha?

Pai, não use essa palavra.

Ele não parava de gritar:

E o que importa a palavra? O que importa é que você gosta de homem. Meu Deus! Meu filho é uma bicha. Quer ser mulher.

Pai, eu não quero ser mulher.

Cala a sua boca!

Nessa hora ele me deu um soco. Eu ainda caído sobre a estante do som, quando ele veio de novo para cima de mim. Minha mãe veio ao meu socorro e conseguiu fazer com que ele parasse. Levantei com a boca sangrando e fui correndo para o meu quarto. Tranquei a porta com a chave e fiquei na cama. Do meu quarto, eu poderia ouvir os gritos do meu pai. Eu estava muito assustado, e o meu coração batia tão rápido, que parecia que iria explodir dentro do meu peito. Nunca o tinha visto daquele jeito. Ao ouvir barulho de passos pesados na escada, percebi que ele estava subindo e, sem saber o que fazer, mesmo com a porta do quarto trancada, me escondi embaixo da cama. (2007, p. 40, 41).

No momento que tive certeza da minha homossexualidade, por volta dos 18/19 anos eu decidi contar para minha mãe. Mas antes disso eu lutei muito contra tudo o que eu sentia, chorei e sofri por longos anos por me sentir diferente daquilo que a sociedade e minha família esperavam de mim. Figueró, sobre a descoberta da homossexualidade relata que:

[...] homens e mulheres, quando começam a perceber que são homossexuais, sofrem, lutam contra esse sentimento, porque aprenderam, desde pequenos, que nossa sociedade aprova apenas o padrão de relacionamento homem-mulher. Sentindo-se “diferentes”, sabem que terão que enfrentar dificuldades e temem perder o amor dos pais, dos irmãos, amigos [...] Se a homossexualidade fosse aprovada socialmente, tanto quanto a heterossexualidade, não haveria sofrimento em perceber-se uma pessoa homossexual. Ao invés de se falar em opção, o correto é dizer que a orientação da pessoa é homossexual (2007, p. 29).

É muito difícil se aceitar homossexual, com toda a certeza essa é a parte mais difícil do processo. Sobre a aceitação Fonseca conta que:

Muito sofri até entender e aceitar a minha orientação sexual. Muitos preconceitos tive que quebrar para me entender como *gay*. Os piores talvez tenham sido os meus. Criado nessa sociedade heteronormativa, eu jamais gostaria de ser *gay* e passar por tudo o que passei durante minha infância e adolescência (2018, p. 37).

Eu cresci ouvindo de todos o quanto ser homossexual era errado perante a sociedade, família e igreja. A sociedade machista e homofóbica prega a homossexualidade como a escória e doença da humanidade, o que dificulta ainda mais o processo de autoaceitação. Mas em certo momento decidi não sofrer mais e busquei transformar toda minha dor em força para me abrir com minha mãe. De forma análoga Louro afirma:

Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual será preciso que ele/ela consiga desvincular *gay* e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não

naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular sua (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? (2014, p. 87).

Na época eu estava apaixonado por um garoto que conheci na *internet*. Era um namoro virtual pois ele morava em outro estado. Eu estava completamente apaixonado e queria contar o que eu estava sentindo para a minha mãe, pois aquilo não cabia mais dentro de mim. Quando eu resolvi contar tudo para a minha mãe eu estava morando com a minha tia em Paracatu para estudar, mas fui para a fazenda devido a um feriado prolongado.

A decisão de contar para minha mãe foi muito difícil, pois conheço várias pessoas que ainda escondem sua homossexualidade com medo e receio da reação dos familiares. De maneira análoga Fonseca ajuíza: “O ‘assumir-se’ para amigos e família foi algo que demandou mais tempo, pois tinha medo das reações negativas, já que os discursos de algumas dessas pessoas eram contrários à homossexualidade”. (2018, p. 21).

O momento de relevar a orientação sexual tem o mesmo efeito de “soltar uma bomba”, não se sabe qual será o tamanho do dano, quantos sairão feridos ou se os danos serão irreversíveis. Sobre esse assunto Didier pondera:

Muitos jovens passam por extremas frustrações, sofrimento e uma série de tormentos quando se arriscam a expor a sua sexualidade para os entes mais próximos. Outros, no entanto, vivem anos e anos, se escondendo (no armário), e preferem escolher uma vida de sofrimento e insatisfação a ter que encarar a sua homossexualidade. O apoio da família a um adolescente homossexual pode ser crucial para evitar problemas de saúde no futuro (2011, p. 56).

Acredito que demorei muito tempo para contar a “verdade” para minha mãe, mas eu era apenas um adolescente confuso e com muito medo. Eu tinha vários medos: da não aceitação, de ser abandonado, do desprezo, de perder o carinho da minha família, de ser expulso de casa, de ter que sair da faculdade por não ter condições de pagar, de ficar sem família e amigos e, principalmente, do preconceito. De forma análoga Fonseca comenta:

Talvez algumas pessoas não saibam a dor que causa o preconceito e o sofrimento contínuo que nós, pessoas consideradas diferentes, enfrentamos todos os dias. Ser diferente é uma luta diária para defender-se dos diversos discursos que desenham nosso comportamento como uma aberração (2018, p. 25).

O medo às vezes é tão grande que corrói tudo o que você sente por dentro até mesmo a vontade de ser quem você realmente é perante todos. Silva relata sobre esse sentimento:

O medo de ficar sozinho no meio da adolescência é terrível, o medo de abandonarem-nos é mortífero. É o peso dos amigos e da família que está em causa e é a presumível perda destes que nos faz mentir e ocultar a verdade acerca de nós. Mostramos tudo o que os outros gostam de ver, mas não mostramos quem realmente somos ou queremos ser. Temos que manter aparências para ficar ou aderir a um grupo de amigos, temos que abdicar dos sonhos, das ilusões e acabamos sempre por cair na mais terrível das sensações que é estar só no meio de tanta gente que até pensam (sic) saber tudo de nós... (2012, p. 6).

Me lembro daquele dia como se fosse hoje, chamei minha mãe, pedi que ela se sentasse e disse que precisávamos conversar. Para contar algo desse tipo não há uma maneira mais sutil é preciso ser o mais direto possível e foi o que eu fiz. Fui bem direto e disse que era *gay* e que estava apaixonado por um menino. A minha inocência na época foi tão grande que perguntei se ela gostaria de ver uma foto do garoto por quem eu estava apaixonado.

Minha mãe entrou em choque quando contei tudo, choramos bastante, mas no final me abraçou e disse que por ser minha mãe me amava de qualquer jeito independentemente da minha orientação sexual. Em relação à aceitação Rosset comenta:

[...] aceitar o filho tal qual ele é, é uma forma de aceitar e assumir as suas próprias competências e incompetências. É exatamente isso que esta mãe proporcionou ao filho: “eu te aceito”, “eu confio em você”, demonstrou com isso que acredita que cada um deve assumir as responsabilidades pelas suas escolhas, e ainda como forma de demonstrar que isso não ocorreu diferença de relacionamento entre mãe e filho, ela recebeu e acolheu o namorado do filho como se já fizesse parte da família (2003, p. 95).

Foi um momento único em minha vida, em que contei tudo o que eu sentia para a pessoa mais importante do mundo (minha mãe). No momento em que ela me abraçou e disse que estava tudo bem me senti aliviado, foi como tirar todo o peso que havia carregado nas costas por toda a minha vida.

Durante a conversa minha mãe me fez um único pedido, que eu não contasse nada para o meu pai e se ele descobrisse algo dizer que ela também não sabia de nada. Meu pai sempre foi uma pessoa reservada, ele raramente demonstrava seus sentimentos, então por medo da reação dele ela achou melhor que eu não contasse nada. Ela também tinha receio que ele parasse de me ajudar financeiramente e parasse de custear a minha faculdade. Minha mãe sugeriu que não tocássemos nesse assunto com mais ninguém da família, pois se meu pai de

alguma forma soubesse ele ficaria extremamente magoado. De maneira similar Jeolás e Paulilo afirmam:

Faz-se necessário que se diga, no entanto, que muitas vezes a não revelação explícita da homossexualidade parte da própria pessoa homossexual. As razões são muitas: a questão da privacidade, a dificuldade em se tocar no tema, a ciência de que será uma conversa tensa ou ainda o receio de magoar os pais, julgando que vai decepcioná-los se lhes disser a verdade. Desta forma, a atitude da família segue a atitude de seu familiar, cria-se um acordo tácito sobre não se tocar no assunto; o conhecimento do fato resta subentendido, implícito. Este mecanismo contribui para manter a estabilidade do ajustamento familiar sem a necessidade de se correr o risco de passar pela situação movediça e incerta que costuma acompanhar a complexidade do novo, do não conhecido (2009, p. 279).

Mesmo me aceitando, depois de algum tempo em uma conversa minha mãe me disse algo que me machucou bastante. Não me recordo sobre o que conversávamos, mas em certo momento ela disse que preferiria que eu fosse qualquer outra coisa menos homossexual. Esse comentário ficou marcado para sempre em minha memória, doeu bastante ouvir aquilo de minha própria mãe. Eu sei o quanto ela me ama, e tenho consciência que não foi fácil para ela saber de minha orientação sexual, pois no fundo eu sentia um pouco de medo e até de vergonha em falar-lhe sobre o assunto. Abordando essa situação Ruitenbeek escreve uma carta para uma mãe:

Carta escrita por Freud a uma mãe norte-americana:

Entendo pela sua carta que seu filho é homossexual. Impressiona-me profundamente que a senhora não mencione este termo na sua informação sobre ele. Posso perguntar-te, por que o evita? A homossexualidade não é seguramente uma vantagem, mas não é nada que tenha que envergonhar-se, não é vício, nem depravação, nem a podemos classificar como enfermidade; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por certa fixação do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos respeitáveis dos tempos antigos e modernos foram homossexuais, e vários dos maiores, entre eles Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc. É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como se fosse um crime, e é também crueldade. Se a senhora não crê em mim, leia os livros de Harvelock Ellis. Ao perguntar-me se eu posso ajudar, a senhora quer dizer, se eu posso abolir a homossexualidade e fazer que a heterossexualidade normal ocupe seu lugar. A resposta, em linhas gerais, é que não podemos realizá-lo. Em certos números de casos temos êxito em desenvolver os benditos gérmenes de tendências heterossexuais que estão presentes em todo homossexual, na maioria dos casos já não é possível. É uma questão que depende da qualidade e da idade do indivíduo. É impossível predizer os resultados do tratamento. O que a análise pode fazer por seu filho é um assunto diferente. Se seu filho é infeliz, neurótico, atormentado por conflitos, se se sente inibido em sua vida social, a análise poderia trazer-lhe harmonia, paz mental,

plena eficiência, permaneça homossexual ou não. A senhora decida se seu filho deva se submeter à análise por mim! Não creio que a senhora o fará! Terá que viajar até Viena. Não tenho a intenção de mover-me daqui. De todos os modos, não deixe de responder-me. Sinceros e cordiais votos (1973, p. 17–18, tradução).

É possível observar o peso e o quanto a heteronormatividade impera sobre minha vida nesse momento, pois a minha mãe pede para que eu mantenha em “segredo” minha orientação sexual. Ela vem de uma família simples e muito tradicional, então demorou muito tempo para se adaptar a essa nova situação. Mas com o passar do tempo ela se adaptou e passou a enxergar a questão da homossexualidade com um olhar mais compreensível e maternal.

Atualmente quando eu estou em um relacionamento faço questão que minha mãe conheça meu namorado e que se crie um laço de intimidade entre eles. Aproximar minha família da pessoa com quem me relaciono hoje se tornou essencial em minha vida, pois ao criar esse laço eu me sinto mais feliz e seguro. Minha mãe atualmente consegue se relacionar bem com a pessoa com quem me relaciono criando laços de carinho e amizade.

Apesar do grande avanço que minha mãe teve em me aceitar e entender minha sexualidade ela ainda tem medo e receio de certas situações. Ela ainda se sente um pouco desconfortável quando eu vou apresentar alguém como meu namorado para outros familiares. Minha mãe sempre ressaltou o quanto tinha medo do preconceito da sociedade e da maldade das pessoas, ela sempre me alertou sobre a questão da violência que os homossexuais sofrem e isso era o que mais a preocupava. De certa maneira para ela quanto menos pessoas soubessem de minha sexualidade menos perigo e menos preconceito eu sofreria. Esse medo que os pais sentem perante a sociedade preconceituosa é descrito por Carvalho:

Sabe, Ana, eu tenho muito medo de toda essa história. O mundo não foi feito para pessoas assim. A sociedade não aceita isso. Eu não consigo imaginar o nosso filho se envolvendo com drogas e, você sabe, nesse mundo diferente, é uma questão de tempo. Ana, você também parou para pensar que ele pode querer se vestir de mulher? Ana, Ana, Ana, eu não aguentaria isso. Eu não consigo imaginar o nosso filhinho com um homem na cama. Eu prefiro morrer primeiro.

Lágrimas corriam pelo meu rosto. Eu tinha vontade de chorar soluçando, mas não podia. Gostaria de entrar na cozinha, abraçá-los, beijá-los e dizer que nada disso iria acontecer.

Novamente o silêncio tomou conta da casa. Depois de algum tempo, minha mãe disse:

Giorgio, eu conversei com o Marcus e ele disse que o Renato também é. Acredito até que eles estejam juntos.

Novamente o maldito silêncio. Ele nada respondeu. No quintal, eu ficava ainda mais aflito, pois nem a expressão do seu rosto podia ver.

Com a voz embargada e com muita emoção, meu pai disse:

Lembra, Ana, quando o Marcus tinha três anos de idade? Eu tocava a campainha e ele já vinha gritando: 'Mamãe! Mamãe! É o papai. Abre a porta. Mamãe! Mamãe!' E quando eu entrava, ele vinha correndo para o meu colo. E na hora de dormir? Lembra, Ana? Pelo menos cinco historinhas por noite. Não tínhamos mais o que contar. O papai Noel já se misturava com a Chapeuzinho Vermelho, que encontrava os Três Porquinhos e que iam todos viajar no tapete mágico. Ana? Lembra da caneta no Dia dos Pais? Ele me deu de presente, dizendo: 'Marquinho presente papai', Lembra Ana? Era só eu esquecer a caneta em algum lugar e lá vinha ele: 'Marquinho presente papai'. Ele achava que eu tinha que estar sempre com a caneta.

Novamente o silêncio.

Por que, Ana, justo com o nosso filho! Não vou permitir que façam dele uma pessoa inferior.

Desta vez, o silêncio não foi absoluto. Eu podia ouvir meus pais chorando bem baixinho. Que vontade de dizer a eles que eu ainda era o mesmo Marcus! Eles tinham que enxergar isso. Meu pai se levantou e disse que ia tomar um banho. Minha mãe foi junto. Aproveitei o momento para voltar ao meu quarto (2007, p.47, 48).

De uma forma geral tenho muito que agradecer à minha mãe por todo o suporte e carinho que ela teve para comigo por todos esses anos. Na verdade, tive muita sorte em ter a mãe que tenho, pois conheço pessoas que nunca tiveram apoio de nenhum membro da família. O apoio da família na vida de um homossexual é fundamental em todos os momentos, mas acredito que no instante em que se começam as relações sexuais e amorosas o amparo e a instrução são fundamentais. De maneira similar Gimenes comenta: “A família é responsável pela base em que a construção da sexualidade de cada um se apoia, seja ela participante ou omissa, liberal ou repressora, e daí, resultam práticas sexuais mais ou menos sadias ou patológicas causadoras de alegria ou angústia”. (2002, p. 39).

A aceitação dos familiares é essencial para que o homossexual se sinta acolhido e amado pela família e caso isso não aconteça as consequências podem ser irreversíveis. A família deve acolher o homossexual a fim de que ele não se perca para uma sociedade injusta e homofóbica. A sociedade abarrotada de conceitos arcaicos e machistas oprime toda e qualquer forma de diversidade e, então, é na família que o homossexual busca o acolhimento e a aceitação. Infelizmente muitos homossexuais são expulsos de casa por familiares quando descobrem a sexualidade dos filhos, fazendo com que jovens procurem refúgio na casa de parentes, amigos, abrigos e até mesmo na rua. Mott aborta a intolerância em casa mencionado: “Enquanto para os membros das demais minorias sociais, a família constitui o principal grupo de apoio no enfrentamento da discriminação praticada pela sociedade global, no caso dos homossexuais é no próprio lar onde a opressão e a intolerância fazem-se sentir mais fortes”. (2002, p. 147).

Infelizmente tive um amigo que cometeu suicídio por não suportar a rejeição da própria família. A autora Sarah Schulman comenta sobre a homofobia familiar:

As especificidades e dimensões da homofobia familiar são amplas. Elas podem variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa *gay*, ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam, com a existência daquela pessoa (2010, p. 70).

Meu amigo era um rapaz alegre, sonhador e cheio de vida, mas a falta de amor e de carinho da família fez com que ele tirasse a vida no auge dos seus vinte anos. Muitos homossexuais não conseguem lidar com a dor da rejeição e acabam tirando a própria vida. Nesse sentido, Barbero complementa: “[...] apesar dos progressos nas discussões dos especialistas, [...], ainda se enfrenta na vida cotidiana destas pessoas, situações trágicas [...], e um número de suicidas notável na faixa dos adolescentes *gays*, segundo afirmam assustadoras estatísticas”. (2003, p. 29).

Nunca conversei abertamente com o meu pai sobre minha sexualidade. Apesar de sermos próximos nunca tive coragem para falar com ele sobre o assunto abertamente. Mesmo que eu nunca tenha apresentado ninguém formalmente como meu namorado para o meu pai tenho certeza de que ele sempre soube o que ocorria.

Meu pai também teve contato com as pessoas com quem me relacionei, só que eu nunca os apresentei como meus namorados. Ele sempre tratou as pessoas que frequentaram a minha casa com carinho, carisma e muito respeito. Eu nunca precisei dizer algo, pois sei que ele sabe, entende, respeita e principalmente me aceita da forma que eu sou, às vezes as palavras são desnecessárias quando as atitudes falam por si próprias.

Eu tenho mais dois irmãos, no caso sou o mais velho. O meu irmão do meio também é homossexual e está em um relacionamento a mais de 4 anos, ele e seu companheiro possuem união estável. Eles trabalham e estudam e estão construindo uma vida juntos. Eu e meu irmão temos uma relação saudável, mas não somos muito próximos. Minha família aceita muito bem o relacionamento de meu irmão; a família de meu cunhado também é supertranquila em relação à união dos dois. Nossas famílias são próximas e convivem muito bem.

Meu irmão mais novo quando criança era meu “xodó”, mas hoje ele se tornou um menino fechado o que dificulta o entrosamento com ele. Quase não temos contato, mas temos um amor fraternal muito forte. Ele se casou em fevereiro de 2020 e mora com sua esposa em Guarda-Mor. Eu nunca precisei conversar com ele sobre minha sexualidade, ele sempre

deixou claro que me amava e sempre manteve uma relação de amizade e cordialidade com as pessoas com as quais me relacionei.

Sou extremamente grato pela família que tenho, me sinto acolhido e amado por todos. Sei que somos uma família com vários problemas, mas nos amamos e nos apoiamos em todos os momentos. Sou feliz por minha família ter me aceitado e apoiado em todas as ocasiões e o mais importante, eles nunca se voltaram contra mim e nunca deixaram de me amparar quando necessário. Minha família é extremamente essencial em minha vida e sem eles tenho certeza de que eu não teria me tornado o ser humano que sou hoje.

3.8 Religião x Homossexualidade

Nasci em uma família católica e devota de Nossa Senhora da Lapa (padroeira de Vazante-MG). Não éramos uma família que frequentava a Igreja todo final de semana, pois morávamos na fazenda, mas todos tínhamos uma relação muito íntima com Deus, com a Igreja e com a N.S. da Lapa. Durante a missa o padre pregava os dogmas católicos e sempre comentava sobre o que era certo e errado perante os olhos de Deus. O padre sempre comentava sobre os pecados e como Deus repudiava os que os praticavam. Sobre os pecados Foucault destaca:

Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relação fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade (1988, p. 38, 39).

Em minha cidade natal (Vazante), ocorre a festa em louvor a N.S. da Lapa desde 1881. A festa sempre ocorre nos três primeiros dias do mês de maio. Vazante surgiu em virtude da visão da Santa em uma gruta, o que ocasionou uma grande romaria até a cidade. Nos dias de festa Vazante recebe inúmeros fiéis que movimentam a cidade contribuindo para a economia.

Ir na festa em louvor a N.S. da Lapa era uma tradição para a nossa família e meus avós paternos sempre estavam presentes. Todos os anos eu e meus irmãos íamos com nossos avós, ficávamos acampados três dias na garagem de alguém ou em casa de parentes que residiam na cidade.

Comecei a frequentar a festa quando tinha apenas um ano de idade, ou seja desde bebê a fé e religião se faziam presentes em minha vida. À medida que crescia via a sociedade e a Igreja impor as atitudes que eram tidas como anormais, como pecado e como proibido. Quando criança me lembro das falas da minha avó: Deus não gosta disso, isso é pecado; de forma equivalente Resende elucida:

A moralidade vem sempre acompanhada por um apelo religioso que, nesse caso, se manifesta na fala do pai: “Não, isso não é normal, isso não é de Deus” – impondo um valor produzido acerca do destino do gênero humano, ou seja, procriar. O normal, de acordo com a vontade divina, é a heterossexualidade (2016, p. 137).

Me recordo que quando criança entrava na Igreja de N.S. da Lapa e ficava maravilhado com a sua beleza e grandiosidade; um dos meus sonhos era me casar naquela Igreja. Me imaginava entrando na Igreja cheia de convidados, me casando com uma mulher e depois para comemorar uma bela festa de casamento. A sociedade e a Igreja de certa forma mostram o casamento como algo essencial a todo ser humano, algo que faz parte do processo da vida. Sobre essas tradições Louro afirma:

Historicamente, somos herdeiros da tradição absolutista. Ela supõe que as forças perturbadoras do sexo podem ser controladas apenas por uma moralidade muito cristalinamente definida, uma moralidade inscrita em instituições sociais: o casamento, a heterossexualidade, a vida familiar e a monogamia. Embora tenha suas raízes na tradição religiosa judaico-cristã, o absolutismo está agora muito mais amplamente enraizado. (2000, p. 54).

É assustador quando se percebe que coisas como: se casar, ter filhos e constituir uma família passam a ser seu sonho quando criança, mas não porque você realmente almeja aquilo, mas porque você aprendeu que somente aquilo é o correto perante Deus e aceitável pela sociedade. Ter filhos era algo que eu sempre quis e via o quanto minha mãe sonhava em ser avó. De certa forma por ser o filho mais velho todos da minha família esperavam como de costume que eu me casasse primeiro e logo depois tivesse filhos. A sociedade espera que em todo casamento o casal tenha filhos, afinal, de acordo com a Igreja somos responsáveis pela continuidade da espécie na Terra. Discutindo sobre esse assunto Engels e Chauí mencionam:

[...] no predomínio do homem; sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível; e exige-se essa paternidade indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros de direitos de direito, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai (2002, p. 62).

Numa sociedade que considera o sexo apenas o sob o prisma da reprodução da espécie, ou como função biológica procriadora, serão reprimidas todas as atividades sexuais em que o sexo genital for praticado sem cumprir aquela função: masturbação ou ananismo, homossexualismo masculino e feminino (ou sodomia), sexo oral (felácio, cunilíngua), sexo anal, coito interrompido, poluição sem penetração (voyeurismo). Também são reprimidas as práticas que possam perturbar as finalidades atribuídas à procriação (1984, p. 77,78).

Hoje é possível que casais homossexuais constituam uma família e que tenham filhos seja buscando a adoção ou por meio de tecnologias reprodutivas. Todas essas possibilidades criam os (re)arranjos familiares.

Por diversas vezes ouvi comentários de parentes sobre o quanto a homossexualidade era algo errado e vergonhoso. Quando criança não entendia de que forma Deus julgava os pecadores e muito menos como o amor entre duas pessoas do mesmo sexo poderia ser tão desrespeitoso.

No início da adolescência com medo dos pensamentos homossexuais que pairavam em minha mente pensei várias vezes em entrar para o sacerdócio. Pensei que me tornando padre conseguiria a redenção, além de acabar com todos aqueles pensamentos pecaminosos, numa condição similar à destacada por Resende, na qual o autor comenta que:

Enquanto criança, segui o catolicismo e havia aprendido que ser *gay* não era “coisa de Deus”, era pecado, sem-vergonhice e quem se entregasse a essas práticas iria “arder no fogo do inferno”. Comecei a pensar na possibilidade de ser padre, pois não precisaria casar, não seria mais cobrado em relação a arrumar namorada, coisa que aconteceria com frequência nos encontros familiares. Com o tempo cheguei até a pensar que tivesse mesmo vocação sacerdotal (2016, p. 14).

Por inúmeras vezes rezei e pedi a Deus que tirasse de mim todos os pensamentos relacionados à homossexualidade. No início lutei muito contra minha homossexualidade e via Deus como um grande aliado. Xavier relata a luta contra a homossexualidade:

Procurava me adaptar à maneira de vestir dos irmãos espirituais consagrados. Orei muito a Deus pedindo que tirasse de mim todos os trejeitos que fazia com as mãos e expressões corporais efeminados. Pedi também ao Senhor que modificasse minha voz, pois falava esquisito devido ao convívio com os homossexuais. [...] Em casa desfiz-me de tudo o que me fazia lembrar o passado: fotografias vestido de mulher, e objetos pessoais; quadros e discos de Rock foram queimados; as bebidas alcoólicas não poucas, despejei todas no vaso sanitário cantando hinos com muita alegria (1993, p. 132,133).

Conheci um rapaz em minha cidade que era homossexual, mas houve um dia em que fui visitar uma Igreja e ele estava lá dando um testemunho. Em sua fala ele dizia que havia deixado de ser homossexual, que havia sido “curado” por Deus e que estava livre do pecado da homossexualidade. Segundo ele a sua fé e força de vontade o livraram de realizar sexo com outros homens. Acredito sim que ele tenha deixado de praticar o sexo homossexual, mas não sei se uma pessoa deixa de ter desejos e vontades que fazem parte do seu próprio ser, além disso ele nunca foi curado pois a homossexualidade não é uma doença. Sobre essa conversão Natividade relata que:

Recorrentes “exemplos” de cura contrastam o momento anterior e posterior à conversão do “ex-homossexual”, sinalizando para a necessidade de adequação ao modelo normativo para os gêneros. Nestas narrativas, o passado está associado a uma espécie de inversão do gênero, oposto ao presente “restaurado”, quando o homossexual masculino, por exemplo, pode transformar o “pecado do homossexualismo” na “bênção da heterossexualidade” por meio do casamento e da constituição de uma “família de Deus” (2006, p. 118).

Quando eu tive a certeza de que era homossexual, fato que se deu quando entrei na Faculdade tive um grande conflito interior. Meu grande embate era pensar que Deus não me amava como seu filho, pois de acordo com a Igreja Deus condena a homossexualidade. Eu tinha muito medo de que meus pecados me fizessem perder o “reino dos céus”, como a própria Bíblia mostra em sua passagem:

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus. Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus (BÍBLIA SAGRADA: NOVA VERSÃO INTERNACIONAL,1 Coríntios 4. 9-10).

Por ser uma mulher muito católica minha mãe no começo acreditava que eu deveria frequentar mais a Igreja a fim de buscar redenção pelos meus pecados. Ela também acreditava que Deus não aceitava a homossexualidade. Em uma passagem de seu livro Carvalho traz esse embate da religião com a homossexualidade:

Isso que você quer fazer, Marcus, é errado. Deus não aceita.

Mãe, não é uma questão de querer e sim de ser. Eu sou assim, nasci assim.

Você não sabe o que está dizendo, filho. Você não nasceu desse jeito e não vai viver desse jeito. Qual a religião do Renato?

Acho que é católica, mãe. Por quê?

Ela não me respondeu e continuou a falar:

Sabe, Marcus, eu acho que esse desvio moral só aconteceu com você porque está muito distante de Deus. Não vai a uma igreja, não reza, não participa dos centros comunitários...

Interrompi as palavras dela, dizendo que tudo isso não tinha nada a ver com religião, mas foi inútil. Ela insistia que, desse jeito, eu não teria Deus no coração (2007, p. 42, 43).

Por diversas vezes pensei em procurar um padre para conversar e buscar entender melhor a visão da Igreja perante os homossexuais. Na verdade, eu não queria acreditar que Deus me condenaria ao inferno apenas por ter uma orientação sexual diferente dos outros. Carvalho retrata a conversa de Marcus com um Padre no trecho:

Após me sentir “catalogado” pelo padre Antônio, resolvi perguntar:

O senhor está dizendo que perante Deus é errado ser homossexual?

Ele pensou muito antes de responder.

Às vezes uma amizade profunda, Marcus, pode se tornar dependência afetiva. Por isso, é importante refletir bastante para que as coisas não se misturem.

Novamente perguntei a ele:

Padre, é errado ser homossexual?

Ele respondeu quase que imediatamente.

É ilícito ser homossexual. A homossexualidade é uma etapa que estacionou e não chegou a se completar, em que não houve uma vertigem pelo feminino. Eu diria que é uma fase homófita.

Não era fácil conversar com o padre Antônio, mesmo assim fiz mais uma pergunta:

É errado tentar ser feliz, padre?

Claro que não, Marcus. É próprio do ser humano buscar a felicidade.

Agora, temos que aprender a controlar nossos impulsos, não deixando em livre curso todas as vontades. O prazer é inerente à sexualidade, porém não é correto buscar prazer pelo prazer.

Terminamos a nossa conversa com ele se referindo à caridade pastoral e me convidando a frequentar mais a igreja, bem como participar de grupos de trabalho dentro dela.

Antes de sair, o padre Antônio deixou claro que a única coisa da qual eu não poderia participar no momento seria a eucaristia. Trocando em palavras mais comuns, eu estava proibido de receber a hóstia (2007, p. 44, 45).

Certa vez durante um culto ouvi um discurso tão pesado e tão cruel contra a homossexualidade que pensei realmente se Deus tinha essa visão a meu respeito. Me perguntei como aquelas pessoas que dizem servir a Deus poderiam julgar e catalogar os

homossexuais de forma tão obscena, imoral e torpe. Naquele momento em vez de encontrar um lugar cheio de paz e amor encontrei ódio e preconceito. Acredito que foi uma fala pontual e uma visão da pessoa que ministrou o culto, pois sei que a Igreja acolhe a todos. Eu nunca entendi o porquê a Bíblia condenava tanto a homossexualidade, como pode ser observado no trecho abaixo:

Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão (BÍBLIA SAGRADA: NOVA VERSÃO INTERNACIONAL, Romanos 1. 26-27).

Sofri e chorei por muito tempo por pensar que Deus não me amava e não me aceitava da maneira que realmente era. Me lembro que certo dia liguei chorando para minha mãe dizendo que não suportava mais o peso de ser homossexual; aquilo me doía muito e a ideia de não ter o amor de Deus me corroía por dentro. Me questionava como Deus pode deixar de amar inúmeros dos seus filhos simplesmente por amarem alguém do mesmo sexo. Além disso me questionava por que a Igreja prega a cura dos homossexuais, sendo que não estamos doentes. Comentando sobre essa problemática Seffner aborda que:

Travestis, transexuais, bissexuais, *gays* e lésbicas são vistos em geral como identidade a corrigir, indivíduos a serem curados pela Medicina ou pela intervenção da religião, de pessoas que não estão de acordo com a divisão de gênero tradicional e enfatizam as uniões para reprodução. Essas cinco categorias identitárias são percebidas pela ótica do sexo, atravessadas por questões ligadas ao sexo: fazem sexo, mas não reproduzem; buscam mudar de sexo; estabelecem relações comerciais de sexo; misturam ou confundem características de gênero (um homem musculoso que tem modos afeminados), produzindo resultados inesperados no terreno da sexualidade; são portadores e transmissores de doenças sexuais (2001, p. 43,44).

Meu sofrimento durou muito tempo, até o momento que cheguei à seguinte conclusão: Deus me criou, sendo assim, sou filho dele e ele me ama do jeito que eu sou. Foi somente com esse pensamento que consegui me livrar da culpa de ser *gay* perante os olhos de Deus.

Hoje eu consigo separar Deus e a Igreja como duas coisas totalmente diferentes, para mim Deus é algo sublime, cheio de paz, bondade, misericórdia, amor ao próximo, perdão, é o pai de todos, é algo sem falhas, perfeito aos meus olhos. Já a Igreja é falha e comete erros, pois é constituída por homens. Alguns homens são falhos, arrogantes, cruéis, desumanos,

discriminadores, egoístas, falsos, preconceituosos e xenófobos. Dessa forma não aceito que o próprio homem decida o que é considerado pecado ou não, sendo que há vários fatos que comprovam o quanto a Igreja comete erros e delitos graves, como a pedofilia. Mas a Igreja aos poucos está mudando sua visão em relação aos homossexuais, como mostra o texto do Vaticano:

A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma atração sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. Tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua gênese psíquica continua em grande parte por explicar. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves (103) a Tradição sempre declarou que «os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados» (104). São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados. Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas. Esta propensão, objetivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (2015).

Eu creio em Deus, acredito e sou devoto de Nossa Senhora da Lapa, mas não concordo com vários dogmas e ensinamentos da Igreja, pois a meu ver muitos são incoerentes e preconceituosos. Por exemplo, eu não concordo de ser privado de me casar na Igreja Católica somente por ser homossexual. Eu gostaria que isso fosse possível. Eu penso que Deus não condena ou julga o amor entre duas pessoas do mesmo sexo, como algo imoral e pecaminoso.

Atualmente tenho uma mente e um coração muito tranquilo em relação à minha fé. Tenho consciência do amor de Deus por mim e do meu por ele. Todas as noites faço as minhas orações e agradecimentos.

Minha fé é algo tão forte e presente na minha vida que possuo quatro tatuagens ligadas a ela: uma imagem de N.S da Lapa, uma cruz, um anjo e a uma oração que minha avó me ensinou quando criança. Apesar de não frequentar a Igreja, me sinto muito confortável com minha fé e com minha relação com Deus.

Um filme que chamou muito minha atenção e que retrata muito bem o contexto da homossexualidade e da religião é ‘Orações para Bobby’ (2009). Ele retrata muito bem os desafios que uma família cristã enfrenta por ter um filho homossexual e como sua mãe tenta por meio da Igreja e da Bíblia livrá-lo da homossexualidade. O filme é baseado em uma história real e tem a capacidade de tocar o coração de qualquer pessoa, fazendo que ela repense toda a questão da homossexualidade. Após o suicídio do filho homossexual a mãe faz um belo discurso onde defende a causa dos homossexuais:

“Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se eles ao menos tentassem e tentassem de novo em caso de falha. Isso foi o que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que ele era *gay*. Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre *gays* e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim... eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida. Eu acredito que Deus foi presenteado com o espírito gentil e amável do Bobby. Perante deus, gentileza e amor é tudo. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia condenação eterna aos *gays*... cada vez que eu me referia ao Bobby como doente e pervertido e perigoso às nossas crianças... sua autoestima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se quebrou além de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que o Bobby debruçasse sobre o corrimão de um viaduto e pulasse diretamente no caminho de um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte do Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra “*gay*”. Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tomados dele, mas se foram. Há crianças como Bobby presentes nas suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam ‘amém’. E isso logo silenciará as preces delas. Suas preces para Deus por entendimento e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra ‘*gay*’ silenciarão essas preces. Então... Antes de ecoar ‘Amém’ na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo” (FILME: Orações Para Bobby, 2009).

3.9 Docência x Homossexualidade

Apesar de ser formado em engenharia trabalhei muito pouco na minha área de formação; comecei a lecionar e nunca mais parei. Lecionar para mim é muito mais que uma

profissão, é algo que desempenho com amor e dedicação, pois acredito que a educação é a única forma de transformar o mundo.

Ser professor nos tempos atuais não é uma tarefa fácil, principalmente em tempos em que a tecnologia oferece a informação de maneira quase que instantânea. Mas apesar de toda a tecnologia acredito que os docentes são insubstituíveis, pois muitos educam com amor e respeito. De forma similar Cury afirma que “os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos”. (2003, p. 65).

São inúmeras as cobranças que os educadores sofrem dos alunos, dos pais e da direção escolar. A maioria dos professores infelizmente trabalham como máquinas e é fácil encontrar professores trabalhando nos finais de semana para realizar tarefas da escola.

Os docentes possuem inúmeras tarefas no seu dia-a-dia: preparar aula, elaborar e corrigir provas e exercícios, buscar inovações didáticas, cuidar da disciplina em sala de aula, cumprir o cronograma escolar, dentre outros. O artigo 13 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) citado nos Planos Nacionais Curriculares (Ensino Médio, p.42), que tem como título “Da Organização da Educação Nacional”, trata sobre as funções do professor:

- I. Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II. Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III. zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV. estabelecer estratégias de recuperação dos alunos de menor rendimento;
- V. ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI. colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Os primeiros professores do Brasil foram os padres jesuítas, representando uma figura masculina e religiosa. Os jesuítas tinham como função catequizar os índios e educar as crianças (meninos) das classes mais altas da sociedade, como Louro ressalta “... também no Brasil a instituição escolar é primeiramente, masculina e religiosa. Os jesuítas, “braço espiritual da colonização”, para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes”. (2014, p. 98).

Depois dos jesuítas o magistério foi assumido pelas mulheres. As mulheres que inicialmente eram criadas para realizar o trabalho de casa e para o casamento passaram a

exercer o magistério de uma forma exemplar. Para a época a mulher era vista como doce e materna e via seus alunos como filhos, passando a educá-los de forma sublime. Abordando o trabalho do magistério pelas mulheres Louro admite que:

A representação do magistério é, então, transformada. As professoras são compreendidas como mães espirituais – cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha. De algum modo, as marcas religiosas da profissão permanecem, mas são reinterpretadas e, sob novos discursos e novos símbolos, mantém-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente (2014, p. 101).

As mulheres que escolheram o magistério sofreram muito no início. A mulher e principalmente a professora eram vistas como algo “casto”, e deveriam se portar como tal perante a sociedade. As professoras de certa forma eram vigiadas todo o tempo; o modelo de vida, a vestimenta e suas atividades deveriam ser exemplares. A professora deveria ser um exemplo a ser seguido pelos alunos. As professoras na época eram geralmente mulheres solteiras com uma vida social pacata e reservada. De forma similar Louro pondera:

De um modo muito especial, a professora mulher é alvo de preocupações. Para afastar de sua figura as “marcas” distintivas da sexualidade feminina, seus trajes, e seus modos devem ser, na medida do possível, assexuados. Sua vida pessoal além de irretocável, deve ser discreta e reservada. A relativa ausência de professoras casadas evitava a “materialização” de um companheiro amoroso e de filhos e, assim ajudava a representar essas mulheres sós como desprovidas de sexualidade. O casamento e, especialmente a gravidez sofriam uma espécie de censura (1997, p. 106,107).

Felizmente o tempo passou e hoje todos podem exercer a docência, independentemente de seu gênero. A docência para mim é algo essencial, a sensação que eu sinto ao entrar na sala de aula é inexplicável, eu me sinto especial e importante ao desempenhar o papel de professor. É muito difícil para mim definir o que significa ser professor, é um emaranhado de sentimentos e sensações que não consigo explicar. Mas tenho certeza que para ser professor é preciso amar à docência por inteiro, pois os desafios são muitos, mas quando se ama realmente e se acredita na mudança pela educação tudo vale a pena. Gadotti sobre o que é ser professor afirma:

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos

pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são verdadeiros amantes da sabedoria, os filósofos de que os falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber – não o dado, a informação, o puro conhecimento – porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis (2003, p.3).

Em minha visão o processo de ensinar se dá quando eu consigo criar um vínculo com meu aluno; é quando eu o compreendo e entendo toda a sua forma de apreender. Busco conhecer sua história de vida e os ensinamentos que a vida lhe apresentou. Acredito que reconhecer a bagagem que o aluno traz de casa é essencial. Fernandez menciona sobre esse vínculo entre aluno e professor:

Um processo que envolve dois personagens, o ensinante e o aprendente, e um vínculo que se estabelece entre ambos, sendo que se deve sempre ter presente nessa relação entre o organismo individual herdado: o corpo construído especialmente; a inteligência autoconstruída interacionalmente e a arquitetura do desejo, que é sempre desejo do desejo de outro (1990, p. 47).

Por lecionar matemática eu sempre busco trabalhar com o concreto, com exemplos do dia-a-dia para que o aluno entenda que a matemática faz parte de sua vida sem que ele perceba. Eu procuro levar algo de concreto para a sala de aula, algo que os alunos vejam aplicabilidade, dessa forma eu consigo fazer com que meus alunos percebam a importância da matemática em suas vidas. Sobre essa importância de se trabalhar o concreto Gasparin afirma que:

[...] Os educandos e o professor efetivam, aos poucos, o processo dialético de construção do conhecimento escolar que vai do empírico ao concreto pela mediação do abstrato, realizando as operações mentais de analisar, comparar, criticar, levantar hipóteses, julgar, classificar, deduzir, explicar, generalizar, conceituar etc (2002, p. 54).

No momento em que consigo mostrar para os discentes a aplicação prática da matemática introduzo todos os conceitos científicos referentes ao conteúdo. busco sempre criar um *link* entre o conhecimento científico e o cotidiano de forma que os dois caminhem juntos dentro do processo de aprendizagem do aluno. De forma análoga Gasparin complementa que:

Os conceitos científicos não passam diretamente aos alunos, nem os conceitos cotidianos são subsumidos, automaticamente, pelos científicos. É

na caminhada dialógico-pedagógica que se dá o encontro das duas ordens de conceitos: os conceitos cotidianos são incorporados e superados pelos científicos. Realizam-se, através do trabalho coletivo e individual, a interaprendizagem e a intra-aprendizagem (2002, p. 119).

Dentro da sala de aula busco me reinventar de todas as formas, busco maneiras diferentes para fazer com que meu aluno entenda o conteúdo, mas algo que nunca mudei foi a maneira humana com que enxergo o aluno. Acredito que para ser um “bom professor” o educador deve ter um olhar diferenciado para seu aluno para que consiga enxergar toda sua capacidade e limitações. Em minha visão o educador deve saber dialogar e interagir com todos os alunos, pois é por meio da comunicação que o conhecimento é transmitido. Sobre essa importância da comunicação entre aluno e docente Freire explica:

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, reduzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico (1996, p. 42).

A meu ver o diálogo entre estudantes e professor é muito importante dentro da sala de aula; o professor que sabe conduzir uma sala de aula de forma agradável acaba criando um ambiente adequado ao estudo. Acredito que quando o docente faz que seus alunos participem das aulas ele acaba criando aptidões e definições importantes para o processo de ensino-aprendizagem. Tacca complementa sobre o ambiente participativo na escola:

Um ambiente não comunicativo ou não participativo pouco estimula a elaboração de conceitos e habilidades e pouco promove os vários aspectos do desenvolvimento do aluno. Ao contrário pode conduzir ao conformismo, à reprodução e à insegurança. A criação de uma atmosfera participativa solicita a ocorrência e estimula os processos de comunicação, que têm no diálogo sua principal expressão (2000, p. 20).

Muitos alunos apresentam dificuldades em matemática e com isso procuro realizar intervenções. Na intervenção busco passar para o aluno exercícios extras, vídeos explicativos e exemplos práticos relacionados ao conteúdo. Abordando a intervenção na sala de aula Oliveira afirma:

Como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O

professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento (1997, p. 62).

Lecionar matemática é minha paixão, principalmente para crianças por isso prefiro trabalhar com o Ensino Fundamental II. Em minha opinião as crianças são mais amorosas, elas conseguem criar um laço de afetividade rápido e isso facilita o aprendizado.

Apesar da sala de aula ser minha grande paixão eu nunca me senti totalmente à vontade dentro de uma Instituição de Ensino devido a minha orientação sexual. Infelizmente algumas pessoas não conseguem separar a vida profissional da pessoal de um professor. Existe alguns pais de alunos que são muito preconceituosos, e isso dificulta o processo de me assumir homossexual no ambiente escolar.

Se torna necessário que o ambiente escolar esteja preparado para lidar com a diversidade de gênero do corpo docente e principalmente dos alunos. O sexismo e a homofobia devem ser extintos das instituições de ensino, a fim de que o espaço se torne um ambiente de aceitação, compreensão e respeito a todos como é abordado no texto abaixo:

Sexismo e homofobia encontram na experiência escolar um dos seus mais decisivos momentos. A escola desempenha papel fundamental na construção, na introjeção, no reforço e na transformação das noções de masculinidade, feminilidade, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e transgeneridade e, por conseguinte, na formação identitária e na atuação das pessoas em todas as arenas da vida social. [...] Entretanto, a escola é, ao mesmo tempo, um local privilegiado para a construção de uma consciência crítica e de desenvolvimento de práticas que se pautem pelo reconhecimento da diversidade e pelos direitos humanos [...]. Reside aí, portanto, a inquestionável importância de se promoverem ações sistemáticas que ofereçam aos profissionais da educação bases conceituais e pedagógicas que melhor dotem de instrumentos para lidarem adequadamente com as diversidades de corpos, gêneros, identidades, sexualidades (BRASIL, 2006, p. 234).

Eu gostaria que as escolas parassem de vender os olhos para a questão da homossexualidade, pois ela precisa aprender a aceitar e saber acolher tanto os profissionais da educação quanto os alunos homossexuais. Tanto os alunos quanto os professores não podem continuar a mascarar e esconder sua orientação sexual por medo do preconceito dentro das escolas. O preconceito está presente dentro do ambiente escolar como argumenta Fonseca: “É óbvio que meus (minhas) professores (as) de Ciências sempre se referiam ao sexo como uma

prática realizada entre um homem e uma mulher. Só se escutava a palavra homossexuais quando eles (as) diziam: ‘os homossexuais são um grupo de risco’’. (2018, p. 32).

É preciso que haja uma mudança radical na concepção das pessoas em relação à homossexualidade e para que isso ocorra devem ser criados programas eficazes que ajudem a comunidade escolar a compreender realmente a questão da identidade sexual. Louro salienta a dificuldade que a escola tem com a questão da homossexualidade afirmando que:

Para o campo educacional, a afirmação desses grupos é profundamente perturbadora. Não dispomos de referências ou de tradições para lidar com os desafios ali ampliados. Não podemos mais simplesmente “encaminhá-los” para os serviços de orientação psicológica para que sejam reconduzidos ao “bom caminho”. Mas certamente é impossível continuar ignorando-os (2003, p. 49,50).

Seria interessante que as instituições de ensino brasileiras trabalhassem a questão de gênero de forma mais eficaz e abrangente. O tema deveria ser abordado frequentemente para que os alunos possam entender a questão da sexualidade de uma forma mais simples e acessível fazendo que o tema deixe de ser um tabu dentro do ambiente escolar. Apenas os cartazes e os panfletos que eu recebia na escola não sanaram meus questionamentos sobre a sexualidade na época. Maistro esclarece como as escolas devem trabalhar o tema da homossexualidade:

[...] o trabalho de Educação Sexual na escola, implica em planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. Não se trata de palestras, semanas especiais, de cartazes pregados nos murais, mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões sobre a sexualidade possam ser discutidas com crianças e adolescentes, de maneira séria, clara e ampla (2006, p. 6).

Acredito que se minha escola tivesse desenvolvido práticas pautadas na diversidade sexual e em direitos humanos com toda certeza meu entendimento sobre minha sexualidade teria sido muito mais fácil. Creio que teria entendido minha orientação de uma forma muito mais leve, tranquila e rápida se eu tivesse conhecimento prévio sobre o assunto na escola. Fonseca comenta que:

Lembro que nenhum (a) professor (a) falava sobre a homossexualidade. Os únicos discursos de sexualidade eram os heterossexuais como normatizadores. Logo, não só os (as) alunos (as) afirmavam que eu era o anormal, mas os (as) professores (as) não davam esclarecimentos do que eu era e por que eu era assim (2018, p. 32).

O suporte que os professores poderiam me oferecer se eles tivessem tido uma capacitação focada na educação sexual e na questão de gênero poderia ter me agregado um conhecimento que eu não possuía quando adolescente. A importância de se oferecer uma base sobre gênero para os discentes pode ser observada no trecho abaixo:

[...]. Reside aí, portanto, a inquestionável importância de se promoverem ações sistemáticas que ofereçam aos profissionais da educação bases conceituais e pedagógicas que melhor dotem de instrumentos para lidarem adequadamente com as diversidades de corpos, gêneros, identidades, sexualidades [...] (BRASIL, 2006, p. 234).

A meu ver o docente que se dispõe a trabalhar com a educação sexual deve ter um olhar totalmente diferenciado em relação ao aluno; ele deve ser livre de preconceitos e ser capaz de enxergar todos como iguais. Como aluno eu gostaria de enxergar esse professor como alguém disposto a me entender e me ajudar, pois sei que muitos jovens não encontram apoio em casa. De forma similar Teles afirma: “Os professores encarregados de educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores”. (1992, s. p.).

Independentemente do conteúdo ministrado todos sabem como é difícil ser professor atualmente, pois são vários os desafios: baixos salários, condições precárias de trabalho, falta de respeito do aluno, jornada de trabalho extensa dentre vários outros fatores. Apesar de todos os entraves enfrentados o que mais me entristece é a falta de respeito de alguns alunos para com os professores. Hoje é fácil encontrar notícias de professores que foram agredidos fisicamente por seus alunos; a violência dentro das escolas é algo assustador.

Apesar da importância que o professor tem na sociedade percebo que aos poucos ele foi perdendo seu brilho e seu lugar. Infelizmente tenho presenciado tantas situações desrespeitosas em relação aos meus colegas de profissão. Já escutei inúmeros comentários homofóbicos se referindo a outros professores, comentários esses que me fizeram pensar e repensar sobre a valorização do professor em sala de aula. Dos vários comentários que já escutei os que mais me chamaram a atenção foram: “aquele viado do professor me deixou de recuperação”, “aquela bixa do professor não sabe dar aula”, “aquele professor deveria ser menos viado na sala”.

Mas independentemente de todos os percalços da educação ainda sonho em passar em um concurso público e lecionar em uma grande Universidade. Dessa forma eu continuo

estudando e lecionando, pois acredito na educação como sendo a grande engrenagem que move o mundo.

3.10 O momento do basta

Assumir-se homossexual é com certeza algo marcante e muito difícil. Eu acredito que para se assumir homossexual em nossa sociedade é preciso ter muita coragem, pois infelizmente a homofobia está presente na maioria dos lugares. Borillo define homofobia da seguinte maneira:

O termo 'homofobia' designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Essa distinção permite compreender melhor uma situação bastante disseminada nas sociedades modernas que consiste em tolerar e, até mesmo, em simpatizar com os membros do grupo estigmatizado, no entanto, considera inaceitável qualquer política de igualdade a seu respeito (2010, p. 22).

Eu escutei por diversas vezes insultos por ser homossexual, sofri calado por muito tempo e deixei que aquelas palavras me machucassem sem revidar. Sofri o pior tipo de violência que para mim é aquela que fere a alma. Dahlberg e Krug definem o que seria violência de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS): “É o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”. (2007, s.p.).

Mas chegou um dia em que não aceitei mais as humilhações. Eu me neguei a ouvir calado e não tomar nenhuma atitude. Isso tudo mudou no momento em que eu passei a me amar, a me aceitar e a me valorizar pelo ser humano que sou. Entendi que ser homossexual não dá direito às pessoas de me julgarem e de me humilharem. O caminho foi longo e árduo, mas consegui me enxergar por completo e percebi que deveria ser tratado com o mínimo de respeito.

A primeira vez que isso ocorreu foi quando eu levantei a mão durante a aula na Faculdade e falei para todos sobre a minha orientação sexual. Eu disse para todos ouvirem que eu era *gay*, pois eu não aguentava mais as brincadeiras, as falas preconceituosas tanto dos meus colegas quanto daquele professor. Eu precisava me impor e colocar um ponto final

naquela situação que tanto me incomodava. Depois desse episódio nunca mais ouvi comentários homofóbicos dos meus colegas e nem daquele professor, que inclusive me pediu desculpas posteriormente. Se assumir homossexual na escola é muito difícil, como Louro pondera:

[...] sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (1999, p. 30).

Outra situação que eu não aceitei ocorreu quando eu trabalhava no colégio particular em Unaí. Um aluno se referiu a mim como “viadinho” e outros termos pejorativos além de me ameaçar fisicamente. A linguagem pejorativa usada pelo aluno tem o intuito de humilhar como Miskolci (2016, p.40) comenta: “quando se chama essa pessoa de “sapatão” ou “bicha”, não está apenas dando um “nome” para esse outro, está julgando essa pessoa e a classificando como objeto de nojo.”

O aluno fez tudo isso por uma mensagem no *Facebook* depois que eu o advertir por mal comportamento. Como tinha o *print* passei o caso para a direção e como havia uma ameaça eu decidi fazer o boletim de ocorrência na Polícia Civil.

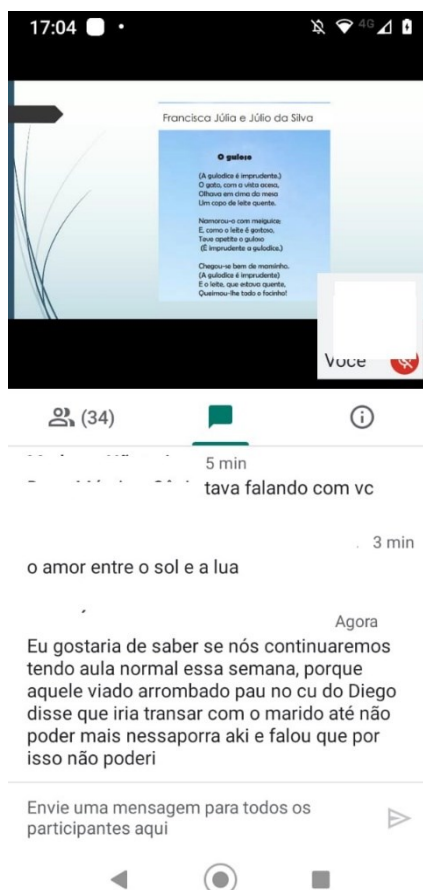
A direção do Colégio sugeriu que eu retirasse a queixa contra o aluno, mas mantive meu posicionamento. Por me ameaçar e por seu comportamento homofóbico o aluno levou apenas uma suspensão de uma semana. Em minha opinião o posicionamento da direção do Colégio perante o aluno deveria ter sido outro pela gravidade da situação. Penso que o colégio deveria ter instruído a mãe a levá-lo ao psicólogo para que ele pudesse conversar com um profissional habilitado sobre o assunto além de promover campanhas educativas na escola que abordassem a questão de gênero e sexualidade.

Recentemente sofri um ataque homofóbico por parte de um aluno e certamente foram as palavras mais cruéis que eu li até hoje. O episódio ocorreu durante a aula *on-line* de Português de uma colega. O aluno redigiu um comentário no *chat* da aula deixando a professora e a supervisora da escola sem palavras. Como é um colégio militar a professora tirou um *print* e enviou para a direção e para o Comando do Colégio.

O fato ocorreu em uma quarta-feira, mas fui comunicado pela Capitã da Unidade somente na sexta-feira à tarde. Ela me ligou e disse o que havia acontecido, mas não me disse

concretamente o que o aluno escreveu a meu respeito. No outro dia liguei para a professora de português e pedi a ela que me enviasse o *print*, pois gostaria de ler o comentário que o aluno teceu a respeito. Sinceramente quando li o *print* fiquei perplexo e totalmente sem palavras, eu não conseguia entender como um aluno do sétimo ano do Ensino Fundamental II havia conseguido escrever tamanha barbárie, como pode ser lida no *print*.

Figura 03 – *Print* do comentário homofóbico do aluno



Fonte: arquivo pessoal

No mesmo dia liguei para uma advogada e conversei sobre o que havia ocorrido. Nessa conversa ela me orientou que eu poderia entrar com um processo contra a família do aluno por homofobia. Como o aluno é menor de idade seus pais são responsabilizados pelos seus atos. Na outra semana marquei uma reunião com a direção do Colégio. Tanto a diretora quanto a Capitã entenderam a gravidade do fato e se solidarizaram com o ocorrido. Na conversa disse que iria processar a família por homofobia e ambas me apoiaram e disseram que a escola estava à disposição para o que eu precisasse. Em relação ao aluno os pais foram

orientados que devido à gravidade da situação ele iria passar pelo Conselho da escola e que certamente seria expulso. Para evitar a expulsão os pais decidiram retirar o aluno, pois se ele fosse expulso ele não poderia entrar em nenhum Colégio Militar por um período de dois anos.

A decisão de processar a família foi instantânea, eu não cheguei a pensar duas vezes, se fosse há alguns anos eu certamente não tomaria essa decisão. Hoje eu me sinto muito mais preparado e muito mais forte para lidar com situações como essa; atualmente eu não aceito nenhuma forma de discriminação e se eu sofrer alguma retaliação sempre vou buscar os meus direitos perante a Justiça.

Como as questões jurídicas costumam demorar em nosso país acredito que o processo demore um bom tempo para ser concluído. Eu decidi processar a família porque eu nunca havia lido tamanho desrespeito e preconceito em relação à minha pessoa e principalmente para que aquela família oriente seu filho a como tratar e como respeitar as pessoas. Acredito que se todos os homossexuais que sofreram algum tipo de preconceito buscassem a Justiça e o ressarcimento pelos danos sofridos talvez houvesse menos homofobia, pois infelizmente as pessoas estão acostumadas com a impunidade.

Os movimentos sociais LGBTQIA+ buscam a inclusão e a aprovação de novas políticas públicas que combatam de forma rápida e eficaz a homofobia. Acredito que a sociedade civil deveria ser mais participante comparecendo em reuniões e assembleias para discutir os direitos e o fim da violência contra a população LGBTQIA+. Nesse contexto pode-se citar as Diretrizes Gerais da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, que são:

- Respeito aos direitos humanos de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais enfrentando o estigma e a discriminação;
- Inclusão de variáveis que caracterizam a diversidade populacional nos processos de formulação, implementação de políticas e programas no SUS envolvendo: orientação sexual, identidade de gênero, ciclos de vida e raça-etnia;
- Eliminação das homofobias e demais formas de discriminação e violência contra lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais no âmbito do SUS, contribuindo para as mudanças na sociedade em geral;
- Difusão de informações pertinentes ao acesso, à qualidade da atenção e às ações para o enfrentamento da discriminação, em todos os níveis de gestão do SUS;
- Promoção da cidadania e inclusão de LGBT por meio da articulação com os diversos setores de desenvolvimento social como: educação, trabalho, segurança e outros;
- Implementação de ações no SUS com vistas ao alívio do sofrimento, dor e adoecimento relacionados aos aspectos de inadequação identitária, corporal e psíquica nas pessoas transexuais e travestis;

- Inclusão da temática da orientação sexual e identidade de gênero de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais nos processos de educação permanente desenvolvidos pelo SUS incluindo os trabalhadores da saúde, conselheiros e lideranças sociais;
- Fortalecimento da representação do movimento de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais nos conselhos de saúde, conferências e demais instâncias de participação social;
- Produção de conhecimentos científicos e tecnológicos para melhorar a saúde de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (BRASIL, 2011, p. 15).

Minha família teve papel fundamental em meu processo de fortalecimento e crescimento como pessoa. Se hoje eu sou mais forte e seguro de minhas decisões foi porque minha família me apoiou e principalmente aceitou minha homossexualidade. É muito difícil para um jovem homossexual se assumir sem o apoio da família, pois muitas vezes esse jovem sem apoio irá sofrer ataques homofóbicos como argumenta Perucchi, Brandão e Vieira:

Devido à rejeição e discriminação no contexto social dessa população, acaba sendo muito difícil para o jovem LGBT se assumir como não-heterossexual, quando se faz perante a família, quase nunca encontram apoio e respeito. Quando a conduta desse indivíduo é colocada em questão, as regras não são atendidas na íntegra como disposto pelos superiores, usam de mecanismos violentos sejam estes físicos ou psicológicos, para repreendê-los e enquadrá-los à norma (2014, p. 70).

Penso que todo homossexual não deve em momento nenhum aceitar qualquer tipo de preconceito, mesmo que seja aquela famosa “piadinha inocente”. Acredito que quando a sociedade realmente se conscientizar que somos amparados legalmente pela lei e que temos direitos a homofobia irá diminuir, pois a sensação de impunidade acabará.

4. O MEU MOMENTO QUEER

Nesta última parte vou contar um pouco sobre o meu lado *Queer*. Vou relatar o quanto tenho orgulho de ser *gay* e o quanto consegui me libertar dos parâmetros heteronormativos. Sei que o caminho ainda é longo, mas eu já consegui quebrar muitas correntes. Hoje tenho a certeza de que quero continuar me libertando cada dia mais até não possuir nenhuma amarra ligada à heteronormatividade.

A expressão “*queer*” em português equivaleria as palavras “viado” ou “bicha”. Ao assumir o meu lado *queer* eu estaria aceitando o que eu realmente sou, da maneira que eu sou e não me importando com o julgamento dos outros por ser “diferente” daquilo de muitos julgam como “normal”. A respeito da teoria *queer* Mário César Lugarinho comentou:

A teoria *queer* aprofunda as relações possíveis entre as identidades *gays* e lésbicas e a cultura construída em torno de conceitos como natural e normal – isto é, problematiza e desconstrói os conceitos de identidade, a partir da constituição de um sujeito *queer*, definido através de sua etnia, classe social, ideologia política, religião etc. Em vista disso, a tônica de sua análise reside no fato de congregar toda uma comunidade que se opõe, de diferentes maneiras, à identidade heterossexual dominante na cultura (2001, p. 41).

Ao assumir esse lado *queer* eu me entendo por *gay*, “viado” ou qualquer outra denominação que signifique gostar do mesmo sexo, e o mais importante eu me orgulho disso, pois isso é o que eu sou e o que me representa. Sobre a expressão *queer* Louro comenta que:

este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante (2013, p. 39).

O termo *queer* inicialmente foi criado para ser um xingamento e um grande insulto a pessoas homossexuais. Depois o termo foi ressignificado e passou a ser algo que contesta e ameaça toda a visão heteronormativa e estável da sociedade. É um termo provocador que desafia toda uma estrutura social política baseada em conceitos arcaicos preconceituosos. De forma semelhante Louro pontua:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da

sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina (2004, p.30).

Nesse processo de valorização *queer* o passo mais importante que eu dei na minha vida com toda certeza foi “sair do armário”. Me assumir para minha mãe e depois para minha família foi o passo mais difícil e significativo que eu dei na minha trajetória de autoaceitação. Sei que muitos não têm essa coragem, talvez por medo, falta de apoio familiar ou até mesmo por não terem condições de saírem de casa. Muitos homossexuais temem ser expulsos pelos pais da própria casa e com isso serem obrigados a viver uma vida sem liberdade. Miskolci conta o quanto se assumir homossexual é difícil:

Portanto, o *closet* não é uma escolha individual, e a decisão de sair dele tampouco depende da “coragem” ou “capacidade” individual. Em contextos heterossexistas, “assumir-se” pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessavam por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhes legava uma sensação de serem únicos e viver o fardo de um desejo secreto sem ter com quem compartilhar temores e sofrimentos (2009, p. 172).

A primeira pessoa que soube de minha homossexualidade foi a minha mãe. Quando decidi contar para ela achei que sua reação seria mais fácil, pois nunca tivemos segredos e ela sempre foi minha melhor amiga. Depois que eu contei a ela me senti muito aliviado. Mas não foi fácil para ela aquele momento, ela chorou muito e se sentiu culpada pelo fato de eu ser *gay*. Certamente o tempo ajudou muito minha mãe entender toda a situação, mas ela ainda como eu precisa quebrar vários preconceitos.

Depois que contei para a minha mãe fui “forçado” a me assumir para o meu irmão do meio. Estava na fazenda e meu namorado na época me mandou uma mensagem e meu irmão leu essa mensagem. Ele me chamou para conversar e perguntou se eu era *gay*; respondi que sim e tivemos uma conversa bem franca e esclarecedora sobre o assunto. No mesmo dia eu o perguntei se ele também era, mas ele negou. Meu irmão assumiu sua homossexualidade para mim tempos depois, quando foi morar comigo. Naquele momento em que eu o questionei ele não estava pronto para se assumir, cada um de nós sabe qual é o melhor momento para se assumir para quem confia e acha que deve saber de algo que é tão pessoal.

Acredito que a terceira pessoa para quem contei foi minha amiga Liu da faculdade. No momento em que eu contei ela não ficou feliz com a notícia, mas como éramos muito amigos ela entendeu e me deu o apoio que eu precisava.

Lembro-me que no ensino médio uma colega de classe me escreveu um bilhete me perguntando se eu era *gay*; prontamente respondi que não. Naquele momento eu não estava pronto para me assumir para ninguém, ainda mais para uma colega de sala que depois poderia contar para toda a turma causando uma situação para a qual eu não estava pronto.

Me recordo de um fato muito triste que acontecia na minha sala do ensino médio. Havia um menino que era *gay* na minha turma; ele não fazia questão nenhuma de esconder sua orientação sexual, mas a maioria da sala não o aceitava nem o respeitava. Geralmente assim que batia o sinal para o recreio os meninos da turma faziam bolinhas de papel para jogar nele. Infelizmente não foi um fato isolado, pois ocorreu várias vezes. Com muita vergonha eu participei de um desses eventos; um outro colega me deu a bolinha de papel e disse: “Joga você também.” Eu me senti pressionado e acabei fazendo o que ele pediu. Não tive coragem de negar o pedido, pois fiquei com medo que ele desconfiasse que eu também era *gay*. Me sinto extremamente envergonhado por ter feito aquilo com o meu colega e sinceramente gostaria muito de revê-lo e pedir desculpas por ter realizado tamanha atrocidade. Isso aconteceu quando eu tinha 16 anos de idade e até hoje me sinto culpado e envergonhado por ter maltratado alguém que teve uma força e uma coragem que eu não tive na época. Felizmente eu aprendi e amadureci muito; hoje eu abomino esse tipo de comportamento e caso eu viesse a presenciar algo do tipo durante alguma aula minha eu nunca permitiria tal fato.

Atualmente eu não tenho problemas em responder a perguntas sobre minha sexualidade; não me sinto mais incomodado ou com receio de me assumir como *gay*. Quando vou a alguma loja e estou escolhendo um presente, se a vendedora me pergunta para quem seria eu respondo: para o meu namorado. Responder a esse tipo de questionamento hoje é algo normal para mim, eu respondo naturalmente e não sinto nenhum constrangimento ou vergonha.

Então, minha trajetória de libertação começou quando contei para as pessoas mais importantes de minha vida que sou homossexual. Como disse tudo aconteceu aos poucos, à medida que o tempo passava eu me sentia mais confiante para contar para mais pessoas.

Um fato que marcou muito minha vida foi a primeira vez que fui a uma parada *Gay*. Mas para chegar a esse movimento lindo muita coisa aconteceu antes. Um dos marcos da luta LGBT ocorreu no dia 28 de junho de 1969 no bar *The Stonewall Inn* situado na cidade de

Nova York. Esse bar era frequentado pelo público *gay* e frequentemente a polícia realizava batidas fazendo seus frequentadores saírem do local. Mas nesse dia em específico os frequentadores não fugiram, trancaram os policiais no bar, colocaram fogo no local e esse embate durou cerca de três dias. Eliane Berutti afirma que:

[...] The Stonewall Inn foi palco da pior batida de polícia de sua história e viveu seu momento final. [...] Faz-se desnecessário pontuar porque todos os anos de invisibilidade e opressão finalmente explodiram no confronto com a polícia. Um ano depois, com a intenção de comemorar as revoltas de Stonewall, [aconteceu] a passeata do Orgulho *Gay* tomou conta das ruas da cidade de Nova York (2010, p. 40).

A rebelião de Stonewall foi tão importante que um ano depois uma grande quantidade de homossexuais saiu pelas ruas de Nova York marchando em busca dos seus direitos. Reis corrobora:

A data que ficou como marca na história do moderno movimento *gay* mundial foi 28 de junho de 1969, quando a rebelião de GLBTT contra as arbitrárias batidas policiais no Bar Stonewall, em Nova Iorque. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando pelos seus direitos. Desde então ‘28 de junho’ é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBT (2007, p. 101).

No Brasil as primeiras ações do movimento *gay* ocorreram durante o período militar, no fim dos anos 70 e início de 1980. Jornalistas, escritores e intelectuais da época se reuniram e criaram em 1978 no Rio de Janeiro o Jornal O Lampião da Esquina. O jornal se tornou um grande veículo de comunicação sobre a homossexualidade entre os anos de 1978 e 1981. Simoes e Facchini argumentam sobre o jornal:

[O jornal] Lampião se diferenciava também no modo como abordava a homossexualidade. O jornal procurava oferecer um tratamento que combatesse a imagem dos homossexuais como criaturas destroçadas por causa de seu desejo, incapazes de realização pessoal e com tendências a rejeitar a própria sexualidade. Mas não fazia isso de modo a concentrar-se exclusivamente nos homossexuais e, sim, apresentando-os como uma entre as várias minorias oprimidas que tinham direito à voz. O jornal se propunha a “sair do gueto” e ser um veículo pluralista aberto a diferentes pontos de vista sobre diferentes questões minoritárias (2009, p. 85-86).

Outro movimento importante da época criado em 1979 foi o grupo SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual. De forma semelhante o grupo SOMOS e o Jornal O Lampião tinham a finalidade de formar alianças com outros grupos de minorias da época para lutarem

por seus direitos. Dessa forma, a década de 1970 se caracterizou pelo surgimento de uma política que se baseava no conceito de identidades pessoais, como MacRae aponta:

Dotados de um caráter marcadamente expressivo, esses movimentos desenvolviam formas de convivência e de participação vividas como positivas em si mesmas, calcadas num sentimento de igualdade e identificação entre todos os seus membros. Certas carências ou particularidades de estilo de vida foram eleitas como a base de novas identidades sociais, muitas vezes de caráter totalizante (1997, p. 237).

Todos esses movimentos sociais que ocorrem no Brasil decorrentes de grandes mobilizações da sociedade acarretaram inúmeras conquistas sociais. Os movimentos sociais têm grande importância na busca de direitos das minorias e eles sempre representam forças sociais organizadas em prol de um objetivo. Gohn define movimentos sociais como:

[...] são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (1995, p. 44).

Os movimentos sociais estão diretamente ligados à noção de cidadania, pois quando se cria a importância de lutar pelos direitos há uma produção em massa de oportunidades políticas. De forma semelhante Evelina Dagnino pondera:

Em primeiro lugar, o fato de que ela deriva e, portanto, está intrinsecamente ligada à experiência concreta dos movimentos sociais, tanto os de tipo urbano – e aqui é interessante anotar como cidadania se entrelaça com o acesso à cidade – quanto os movimentos de mulheres, negros, homossexuais, ecológicos etc. Na organização desses movimentos sociais, a luta por *direitos* – tanto o direito à igualdade como o direito à diferença – constituiu a base fundamental para a emergência de uma nova noção de cidadania (1994, p. 104, grifos da autora).

O movimento homossexual no Brasil começou pequeno, mas hoje conta com um número significativo e vem crescendo a cada ano. Facchini evidencia a relevância do surgimento do movimento homossexual no Brasil:

[...] o surgimento do movimento homossexual indica a aspiração a reivindicar direitos universais e civis plenos, por meio de ações políticas que não se restringiam ao “gueto”, mas que se voltava para a sociedade de modo mais amplo. Com antecedentes em mobilizações acontecidas em outros países desde fins da década de 1960, e a partir de redes de sociabilidade estabelecidas nas grandes cidades, os primeiros grupos militantes homossexuais surgiram no Brasil no final dos anos 1970, no contexto da “abertura” política que anunciava o final da ditadura militar (2011, s/p.).

As primeiras Paradas do Orgulho *Gay* ocorreram nos anos de 1996 e 1997, na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente. A primeira tentativa da “parada *gay*” de São Paulo em 1996 fracassou e acabou por não acontecer, mas depois de 1997 o evento foi um sucesso de público e se tornou um dos principais eventos da cidade, como afirma Santos:

Em 1997, o IX Encontro Brasileiro de *Gays*, Lésbicas e Travestis e o II Encontro Brasileiro de *Gays*, Lésbicas e Travestis que Trabalham com Aids (EBGLT-Aids) ocorreram mais uma vez em São Paulo, com a participação de 52 grupos tanto da militância GLT (*Gays*, Lésbicas e Travestis) como de ONG-Aids e simpatizantes. Havia muito conflito entre seus organizadores, sendo que vários grupos foram excluídos da comissão de organização. Apesar disso, foi neste ano que os grupos de São Paulo organizaram a Parada do Orgulho GLT, que se tornou símbolo do movimento homossexual no Brasil. Mesmo depois de uma primeira tentativa frustrada em 1996, em 28 de junho de 1997, aproximadamente duas mil pessoas seguiram pela Avenida Paulista com o intuito de atrair a atenção da sociedade e dar visibilidade pública às reivindicações dos homossexuais. A Parada do Orgulho GLBT passou a acontecer todos os anos, tornando-se parte integrante do calendário oficial da cidade. Ao reunir aproximadamente um milhão e meio de pessoas, esse evento passou a ser uma das principais formas de o movimento homossexual afirmar sua existência como sujeito político (2007, p. 127).

A Parada do Orgulho *Gay* é uma manifestação de grande evidência, onde o público LGBTQIA+ consegue se expressar e marchar em prol dos seus direitos em uma sociedade que ainda possui grande carga de preconceito. Simões e Facchini contam que: “[...] as paradas, como manifestações de visibilidade de massa, marcam a expressão social e política do movimento LGBT dos últimos anos e são, também, um terreno privilegiado para se apreciar o cruzamento das diversas conexões do movimento com o mercado e o Estado”. (2009, p. 151).

A primeira vez que eu fui a uma Parada *Gay* foi na cidade de Brasília (DF). Nesse evento eu presenciei um fato que eu nunca mais esqueci. Durante o percurso da parada eu vi duas senhoras de mãos dadas, caminhando entre a multidão. O fato de ver aquelas duas “senhorinhas” caminhando juntas de mãos dadas me tocou de uma forma que eu nunca mais consegui esquecer. Ao vê-las juntas eu me senti totalmente representado, eu percebi que elas

representavam a verdadeira simbologia da Parada *Gay*. Elas estavam representando a forma mais pura de amor, um amor sem preconceito e sem idade.

Lembro-me também que havia uma bandeira enorme; eu e meus amigos entramos debaixo dela e brincamos, cantamos e nos divertimos muito. Em todas as paradas que fui até hoje me senti muito feliz ao participar daquele movimento tão grande e tão cheio de significados. O sentimento de marchar pelos seus direitos e buscar a visibilidade dentro da sociedade é algo indescritível, é uma mescla de alegria e sensação de dever cumprido. Espero poder ir em várias paradas inclusive quando eu estiver idoso, pois um dia quero representar para algum jovem aquilo que aquelas duas “senhorinhas” foram para mim.

As paradas se tornaram o maior evento do segmento homossexual além de representarem um ato político consistente no país. Em várias cidades pelo menos uma vez ao ano a sociedade brasileira vê milhares de pessoas nas ruas buscando direitos sociais. A população homossexual ao longo dos anos conseguiu inúmeras vitórias como podemos observar no quadro abaixo onde há um breve resumo sobre o avanço do movimento homossexual no Brasil.

Quadro 1- Descrição Resumida do Movimento Homossexual Brasileiro

Anos 60 -	Organização entre homossexuais masculinos para socialização.
Anos 70	Primeiras formas de organização política entre homossexuais masculinos. Criação do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).
1979	Grupo Somos anuncia sua existência em debate na USP.
1980	Criação do Grupo de Ação Lésbico-Feminista.
1980/1992	Realização de seis edições do Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO).
1993	Realização do VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais. Realização do I Encontro Nacional de Travestis. Criação do Festival de Cinema GLS (<i>Gays</i> , Lésbicas e Simpatizantes).
1995	Realização do VIII Encontro Brasileiro de <i>Gays</i> e Lésbicas. Realização do I Encontro Brasileiro de <i>Gays</i> e Lésbicas que trabalham com AIDS. O movimento torna-se Movimento de <i>Gays</i> e Lésbicas (MGL).
1997	Realização do IX Encontro Brasileiro de <i>Gays</i> , Lésbicas e Travestis. Realização do II Encontro Brasileiro de <i>Gays</i> e Lésbicas que trabalham com AIDS.
1998	Adequando-se ao movimento internacional, adota-se a sigla GLBT (<i>Gays</i> , Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros – Travestis e Transexuais).

2008	Realização da I Conferência Nacional de Políticas Públicas para GLBT. Mudança da sigla para LGBT (Lésbicas, <i>Gays</i> , Bissexuais, Travestis e Transexuais).
------	---

Fonte: Franco (2009, p. 67).

No ano de 2014 foi lançado o projeto Brasil Sem Homofobia articulado pelo Governo Federal e a Sociedade Civil Organizada. Esse projeto tinha como objetivo geral promover ações para combater o preconceito, a discriminação e a violência dos homossexuais, além de promover a cidadania e igualdade de direitos perante a sociedade civil. Para isso, o Programa buscava as seguintes ações:

- a) apoio a projetos de fortalecimento de instituições públicas e não-governamentais que atuam na promoção da cidadania homossexual e/ou no combate à homofobia;
- b) capacitação de profissionais e representantes do movimento homossexual que atuam na defesa de direitos humanos;
- c) disseminação de informações sobre direitos, de promoção da autoestima homossexual;
- d) incentivo à denúncia de violações dos direitos humanos do segmento GLTB (BRASIL, 2004, p.11).

As lutas do movimento LGBT não são apenas simples protestos. Desde o começo houve outros movimentos importantes que participaram dessa luta como o feminista. Todo esse movimento gerado busca uma sociedade igualitária, sem privações de direitos e principalmente sem ataques violentos. Ferrari comenta que:

A abertura política possibilitava sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária e justa e, mais especificamente, trazia a esperança para o movimento *gay* de uma sociedade em que a homossexualidade poderia ser celebrada sem restrições. Havia a consciência de que a luta era árdua e que passava pela desconstrução dos parâmetros da homossexualidade, com seus consequentes tabus, e pela construção de identidades mais positivas, embasadas na valorização da autoestima, da autoimagem e do autoconceito de seus integrantes (2004, p.105).

Houve inúmeras vitórias para o Movimento LGBT e há inúmeras para serem conquistadas, mas uma das mais importantes ocorreu em 2011 quando a união estável entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal. Mas no ano de 2013 houve uma vitória ainda maior quando o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou uma resolução que garante a todos os casais homoafetivos o direito de se casarem civilmente.

Outra conquista foi a possibilidade de casais homoafetivos adotarem crianças, possibilitando que diversos casais realizem seus sonhos de constituir uma família com filhos.

É importante continuar a lutar pelos nossos direitos e principalmente que a Justiça e a sociedade nos permitam viver de forma plena em todos os sentidos sociais, políticos e ideológicos.

Em uma conversa com a minha orientadora comentei que alguns garotos que eu seguia em uma rede social estavam pintando as unhas e disse que eu achava bonito. No mesmo instante ela disse: – Pinte as suas também. Naquele momento eu fiquei muito pensativo sobre a proposta, mas disse que iria pintar sim. Depois de vários dias pensando sobre o assunto tomei coragem e marquei com uma amiga manicure para pintar minhas unhas das mãos. Eu pintei as unhas de preto e assim que deixei a casa de minha amiga, fiquei admirado com minhas unhas pintadas. Eu simplesmente havia amado o resultado, adorei ver minhas unhas pintadas. Como era a primeira vez que eu havia pintado as unhas eu não esperei muito tempo para o esmalte secar e no próprio carro eu notei que havia estregado o esmalte em algumas unhas.

Depois que fiz as unhas eu tinha uma aula particular marcada e comentei com a mãe da minha aluna que tinha acabado de pintar as unhas, mas que estava superchateado pois havia estragado algumas. A mãe dessa aluna havia se tornado uma grande amiga e disse que assim que eu acabasse a aula ela pintaria as que havia estragado pois ela tinha um esmalte da mesma cor.

Essa minha amiga disse que adorou as minhas unhas pintadas e eu fiquei muito surpreso por ela ter se oferecido para retocá-las. Sinceramente fiquei muito surpreso com sua reação, pois ela reagiu muito bem e demonstrou total normalidade com minhas unhas pintadas. Infelizmente nem todas as pessoas gostaram.

Assim que pintei as unhas enviei uma foto para minha mãe porque eu queria saber a reação dela. Assim que ela viu a foto ela respondeu: “porque você fez isso, você quer me matar?” No mesmo instante eu respondi que as unhas pintadas não me faziam mais *gay* ou menos *gay*, que era apenas uma unha pintada e que elas não mudavam a pessoa que eu sou e muito menos como eu me vejo. Eu acreditei que a reação dela seria melhor, mas infelizmente não foi. Entendo que, de forma geral, a sociedade ainda precisa quebrar muitos preconceitos.

Figura 05: unhas pintadas



Fonte: arquivo do autor

No outro dia de manhã fui dar outra aula particular. A mãe dessa minha outra aluna é católica e realiza trabalhos junto à Igreja. Depois de alguns minutos durante a aula ela percebeu que eu havia pintado as unhas e disse: “nossa você pintou as unhas? Não acredito que você fez isso meu Deus”. Eu notei pelas suas palavras um tom de desaprovação e de preconceito, o que me deixou bem chateado. Depois que ela teceu os comentários eu disse que eram apenas unhas pintadas.

Outra pessoa que também não gostou muito foi meu ex-namorado. Ele disse que fiquei “muito *gay*” com as unhas pintadas, mas eu respondi que já era *gay* e que não seria possível ficar mais ou menos *gay* somente porque eu pinte as unhas.

Também enviei a foto para um grande amigo que mora em Brasília. Ele é *gay* e super defensor dos direitos homossexuais. Mas quando me respondeu fiquei surpreso com seu comentário, pois ele reprovou meu comportamento e perguntou se eu havia ficado louco.

Todos os comentários desestimulantes e preconceituosos a respeito das minhas unhas pintadas me deixaram um pouco triste. Eu não posso negar que esse tipo de comentário ainda me afeta, mas sei que estou lidando melhor agora com essas situações se eu comparar com anos anteriores.

O pintar das unhas para mim significou muito, foi um momento em que eu quebrei vários paradigmas dentro de mim mesmo. Com as unhas pintadas eu fui a pé ao centro da cidade fazer compras, fui à academia e realizei todos os compromissos que estavam marcados. Ao pintar as unhas eu me senti empoderado, bonito e o melhor, de bem comigo mesmo. A lição mais importante que eu tirei dessa fantástica experiência foi que posso fazer o que eu quiser desde que eu me sintam bem e que a opinião dos outros não deve me afetar. Além disso agora sei que posso pintar as minhas unhas no momento que eu quiser e que isso não afeta em nada a pessoa que eu sou.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de estarmos em pleno século XXI discutir sobre a homossexualidade não é algo fácil para muitas pessoas. O tema ainda para muitos é considerado um verdadeiro tabu. Para eu falar sobre esse assunto há alguns anos era um verdadeiro incômodo. O tempo passou e eu consegui reconfigurar a grande maioria de meus pensamentos heteronormativos e consegui vencer barreiras do preconceito o que possibilitou que eu escrevesse essa dissertação totalmente voltada para minha homossexualidade.

Gostaria de dizer que ser homossexual na atual sociedade é algo fácil, mas infelizmente eu estaria mentindo. Muitos homossexuais sofrem pela homofobia, inúmeros inclusive perderam a própria vida devido a esse preconceito, por isso muitos tem medo de se assumirem. Um dos momentos mais complicados para um homossexual é se assumir para a família, é um passo muito importante que envolve diversos fatores e muitos deles são incontrolláveis e imprevisíveis, pois não é possível prever a reação do outro ao saber. Por esse e por vários motivos muitos homossexuais têm dificuldades em se assumir para os familiares.

É importante dizer que não existe uma data limite para se assumir perante a família ou até mesmo que isso seja uma regra e que precise acontecer algum dia. Cada um conhece sua história, seus medos e seus desafios. Dessa forma, é preciso entender que cada pessoa vive dentro das suas possibilidades e que é preciso respeitar o momento e a história de vida de cada indivíduo.

Nesses dois anos de mestrado posso afirmar que muitas coisas mudaram e a principal delas foi a visão que eu tinha sobre minha homossexualidade. Nesse período em que estudei sobre o tema passei a entendê-lo melhor e, com isso, passei a me aceitar e a entender minha homossexualidade de uma forma muito mais tranquila. Esse processo de aceitação, de revidar e lutar pelos meus direitos, de me permitir viver experiências novas e de me enxergar da forma que eu sou só foi possível graças às conversas e o apoio incondicional da minha orientadora. Ela me fez enxergar uma série de coisas que eu não percebia, me mostrou toda minha potencialidade enquanto ser humano e isso fez com que eu me orgulhasse ainda mais de minha história de vida e de tudo aquilo que me tornei.

Minha família hoje lida muito melhor com minha homossexualidade do que quando eu me assumi. Minha mãe conseguiu entender, respeitar e aceitar o fato de eu ser *gay*, mas ela ainda tem alguns preconceitos em relação a algumas coisas. Acredito que o tempo a ajudou a enxergar as coisas de uma forma diferente. Creio que o passar dos anos fará com que ela mude de ideia sobre algumas situações que considero antiquadas. Com certeza tenho parentes

que não aceitam minha homossexualidade e que me julgam muito mal, mas não me importo com o julgamento deles. Aprendi que se alguém gosta de mim realmente essa pessoa vai me aceitar da forma que sou, pois não irei mudar e muito menos esconder o que sou.

Sou muito grato por meus pais terem me aceitado e me apoiado, pois sei que muitos não tiveram essa sorte. Conheço amigos que tiveram que sair de casa quando se assumiram e infelizmente um amigo preferiu se matar do que lidar com o desprezo dos pais. Para os pais que têm filhos homossexuais eu diria para nunca deixarem de amar seus filhos, pois acredito que a rejeição e o desprezo sejam sentimentos horríveis com os quais lidar. Nós, homossexuais, já precisamos lidar com inúmeros problemas fora de casa e sem o apoio dos familiares eles se tornam mais difíceis ainda.

Em relação à minha fé continuo fazendo minhas orações e crendo naquilo que eu sempre acreditei. Eu vivo minha fé de uma forma muito particular, não preciso ir à Igreja para conversar com Deus e fazer minhas preces e pedidos, pois ele me ouve onde estou. Apesar de saber que muitas religiões têm pontos de vistas mais aceitáveis em relação à homossexualidade não me sinto confortável ao ir em uma missa e ouvir alguém falar mal de outro ser humano simplesmente por ele ser *gay*. Deve-se tomar muito cuidado com o que se fala dentro de Igrejas e Templos Religiosos. Em um momento de dor e aflição um homossexual pode procurar esses lugares para ouvir uma palavra acolhedora e reconfortante, mas se em vez disso ele escuta algo preconceituoso ele nunca mais retornará.

Depois de muito tempo entendi que não deveria esconder minha sexualidade no meu ambiente de trabalho. Nas escolas que leciono não devo ser julgado por causa de minha orientação sexual, pois estou na instituição para ensinar. Hoje eu tenho certeza do excelente profissional da educação que me tornei e por isso não aceito ser menosprezado ou maltratado por ser *gay*. Caso a escola não me aceite e não me respeite da maneira que sou, sei que aquele não é um lugar que eu deva trabalhar. Nenhum colega de trabalho precisa gostar do fato de eu ser *gay*, mas todos precisam me respeitar. O respeito é o mínimo que todos devem oferecer um para com o outro.

O professor *gay* de matemática que sou hoje em dia sofreu duros ensinamentos ao longo de todo o percurso, mas tudo o que vivi serviu para que eu aprendesse a me amar da maneira que realmente sou. Apreendi a me amar e a me respeitar, dessa forma entendi que não devo aceitar nenhum tipo de preconceito, principalmente dentro de sala de aula. Por ter vivido episódios de homofobia não permito que haja nenhum tipo de preconceito durante as minhas aulas; a escola é minha segunda casa e nela peço que todos os meus alunos se tratem com respeito.

Todas as situações que vivi fizeram com que um dia eu olhasse para o espelho e pudesse ver o quão forte eu fui por ter chegado até aqui. E no momento que eu consigo enxergar o tamanho de minha força sei que consigo lutar contra toda a homofobia e preconceito que posso vir a sofrer. Além disso, essa força, aliada com crescimento, emancipação e amor próprio me fizeram crescer e conquistar tudo o que eu queria. Então o professor *gay* que sou hoje é mais feliz, com uma autoestima mais elevada e com a sensação de que ninguém é obrigado a gostar de mim, mas todos devem me respeitar pelo que sou.

Eu espero que ao compartilhar minha história nessa dissertação as pessoas possam tirar algumas lições muito importantes que eu aprendi nesse meu percurso. A primeira é que sempre devemos respeitar o próximo, a segunda é que devemos sempre lutar pelos nossos direitos e a mais importante é que devemos aprender a nos amar simplesmente da forma que somos.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Graciela Haydée. **Homossexualidade e perversão na psicanálise**: uma resposta aos Gays & Lesbian Studies. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em preto e branco**. São Paulo: Ática, 2005.
- BERUTTI, Eliane Borges. **Gays, Lésbicas, Transgenders**: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 05 maio 2020.
- BOBBIO, Norberto. **Elogio à serenidade e outros escritos morais**. p. 121. Unesp, 2002.
- BORGES, Klecius. **Terapia afirmativa**: uma introdução à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais. São Paulo: GLS, 2009.
- BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRASIL. **Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. 1. ed., 1. reimpressão. Brasília, 2011.
- BRASIL. Lei 9394 de 23 de dezembro de 2006. LDBN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Instruções para apresentação e seleção de projetos de formação de profissionais da educação para a promoção da cultura de reconhecimento da diversidade sexual e da igualdade de gênero**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em:<<http://www.portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/resumo.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia**: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção da cidadania homossexual. Brasília, 2004.

BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada Amor** – Identidade homossexual: educação e currículo. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 21, p.71-96, jan/jun. 1996.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Somos todos iguais?** escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARVALHO, Nelson Luiz de. **O terceiro travesseiro**. São Paulo: GLS, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Publicado originalmente em 1942.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CONDE, Michelle Franco Cunha. **O Movimento Homossexual Brasileiro: sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **A diversidade ensina e não é um problema**. Brasília: CNTE, 2008. Disponível em: < http://www.cnte.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=573&Itemid=82 >. Acesso em: 27 maio 2020.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, Evelina (Org.). **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 103-115.

DAHLBERG, Linda; KRUG, Etienne. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>

DIDIER, Renato Duro; ROCHA, Roberto Hilsdorf. **Uniãos homoafetivas face ao ordenamento jurídico brasileiro**. 2010. *Âmbito Jurídico*, n. 77.

EGYPTO, Antônio Carlos. (Org). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? O movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos de 1990**. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. Uma escola para a diferença. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 10, n. 11, p. 13-47, 01 agosto, 2015.

FARO, Julio Pinheiro; PESSANHA, Jackelline Fraga. O casamento civil homoafetivo e sua regulamentação no Brasil. **Revista de Bioética y Derecho**, n. 32, p. 72-81, set. 2014.
<https://doi.org/10.4321/S1886-58872014000300007>

FEIJÓ, Anna Valeria; LIMA, Priscila. B. O ativismo judicial brasileiro e o reconhecimento dos direitos humanos do segmento LGBTI. *In*: ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo; LANDO, George André (Orgs.). **Direitos Humanos na América Latina**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2016, p. 131-146.

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 105-115, jan-abr. 2004.
<https://doi.org/10.4321/S1886-58872014000300007>

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FIGUEIREDO, Regina Mac Dowell. (Org.). **Prevenção às DST/Aids em ações de saúde e educação**. São Paulo: NEPAIDS, 1998.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade**. Londrina: Ed. UEL. 2007.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Proposições: Dossiê: Educação Infantil e Gênero**, v. 14, n. 42, 2003, p.89-102.

FONSECA, Robson Rodrigo Pereira da. **O viadinho da escola**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillhon Albuquerque. 10. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCO, Neil. **A diversidade entra na escola: Histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FRY, Peter; MACRAE Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

FURLANI, Jimena. Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia Queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In: Rogério Junqueira (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, p. 293-323, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Grubhas, 2003.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Autores Associados. Coleção Educação Contemporânea, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIMENES, Valéria Cristina; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Notas de um estudo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas concepções e vivências sexuais. **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000, p. 39-67.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais:** a construção da cidadania dos brasileiros. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 1995.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira. Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino público: continuidades e rupturas. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 266-285, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre Homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009.

LEVOUNIS, Petros; DRESCER, Jack; BARBER, Mary, E. (Orgs.). **O livro de casos clínicos GLBT**. Tradução de Gabriela Wondracek Linck. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes. 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009. p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (org). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a teoria *queer* para a língua portuguesa. **Revista Gênero**, v. 1, n. 2, 2001. <https://doi.org/10.4321/S1886-58872014000300007>

MACRAE, Edward John Baptista das Neves. Movimentos Sociais e os direitos de Cidadania dos Homossexuais. *In*: ARAUJO, Angela. (Org.). **Trabalho, Cultura e Cidadania**. São Paulo: Scritta, p. 237-245, 1997.

MAISTRO, Virginia Iara de Andrade. **Projetos de Orientação Sexual nas escolas: seus limites e suas possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna. As escolas e as filhas de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: UNESCO, 2009. p.159-181.

Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília, 1999.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 2016.

MORAES, Alexandre de. **Direitos humanos fundamentais: teoria geral, comentários aos arts. 1º a 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, doutrina e jurisprudência**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MORAES, Ana Alcidia de Araújo. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: alternativa de formação**. Manaus: Univ. do Amazonas, 2000.

MOLINA, Luana. Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. Londrina, **Antíteses**, v. 4, p. 949-962, 2011.
<https://doi.org/10.4321/S1886-58872014000300007>

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

MOTT, Luiz. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? Gênero & cidadania. Campinas: **Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP**, p. 143-256, 2002.

MOTT, Luiz. Etno-história da homossexualidade na América Latina. *In*: **Seminário-taller de história de las mentalidades y los imaginarios**, 1994, Bogotá.

NAPY, Willian. **Born to be gay: história da homossexualidade**. Lisboa: Edições 70, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 21, n. 61, p. 115-132, 2006.
<https://doi.org/10.4321/S1886-58872014000300007>

OLIVEIRA; Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipioni, 1997.

PEDROSA, João Batista. **O assédio moral e a autoestima do homossexual**. Disponível em: <http://www.armariox.com.br/conteudos/colunistas/pedrosa/autoestima.php>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

POLKINGHORNE, Donald. Narrative Knowing and the human sciences. Suny Press, New York, 1986.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

PRADO, Marco Aurelio Máximo. **Preconceitos contra homossexualidade: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008. – (Preconceitos; v. 5)

REIS, Toni. O movimento homossexual. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade**. Londrina: EdUEL. 2007. p. 101-102.

REZENDE, Marcelo Martins. **Homofobia para além das aparências**. Porto Alegre: Mediação, 2016.

RIBEIRO, Michela Rodrigues; FARIAS, Ana Karina Curado Rangel de. (Org.). **Skinner vai ao cinema**. v. 2. Brasília: Instituto Walden4, 2014.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade: Um olhar sobre a imprensa gay no Brasil**. Niterói: EDUFF, 2007.

ROGERS, Carl; KINGET, Marian. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros. 1975.

ROLNIK, Suely. Pensamento corpo e devir – uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de subjetividade**. São Paulo: PUC. 1993

ROSSET, Solange Maria. **Pais e Filhos: uma relação delicada**. Curitiba: Ed. Sol, 2003.

RUITENBEEK, Hendrick M. (Org.). **La homosexualidad en la sociedade moderna**. Buenos Aires: Siglo Veinte, [1973].

SABBAG, Samantha. **Percepção dos Estereótipos de Gênero na Avaliação do Desenvolvimento Motor de Meninos e Meninas**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) Universidade do Estado de Santa Catarina. 2008.

SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. Mobilização sexual e estado do Brasil: São Paulo (1978-2004). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 22, n. 63, p.121-135, 2007.
<https://doi.org/10.4321/S1886-58872014000300007>

SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Memórias de infância e identidade de gênero na formação das profissionais na educação infantil. *In*: Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. **Anais**. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Sarat-Campos_10.pdf. Acesso em: 22 maio 2020.

SEFFNER, Fernando. Identidade de gênero, orientação sexual e vulnerabilidade social: pensando algumas situações brasileiras. *In*: VENTURE, G.; BOKANY, V. **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SEFFNER, Fernando. (Org.). **Qual história? Qual ensino? Qual cidadania?** São Leopoldo: Ed. Da Unisinos, 2006.

SEFFNER, Fernando. Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s). *In*: SOARES, Guiomar Freitas, SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande: FURG, 2006. p. 85-94.

SCHUMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Revista Bagoas**. Natal: CCHLA/UFRN, v. 4, n. 5, p. 67-78, jan./jun, 2010.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. O adolescente gay e a capacidade de resiliência da família (estudo de um texto biográfico). *In*: **Psicologia**. pt, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. **Ensinar e Aprender: Análise de Processos de Significação na Relação Professor X Aluno em Contextos Estruturados**. Tese de Doutorado (Instituto de Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

VATICANO. Catecismo Católico. Site oficial. 1992. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html >. Acesso em: 28 maio 2020.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade**. Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos. São Paulo: Método, 2008.

VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGUI, Maria da Conceição (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: questões de ensino e formação**. Curitiba, PR: CRV, 2013.

XAVIER, João Carlos. **O dia em que nasci de novo**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). 1993.

WEINBERG, George. **Society and the Healthy Homosexual**. New York, Anchor Books, 1973.